



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

WAGNA LINDEMBERG COSTA LUCAS

**OS PESCADORES E A COLÔNIA DE PESCADORES Z-7 DE
TOCANTINÓPOLIS: A prática da pesca e os “saberes” populares.**

**TOCANTINÓPOLIS/TO
2022**

WAGNA LINDEMBERG COSTA LUCAS

**OS PESCADORES E A COLÔNIA DE PESCADORES Z-7 DE
TOCANTINÓPOLIS: A prática da pesca e os “saberes” populares.**

Monografia avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis/TO, Curso de
Pedagogia para obtenção do título de Graduado em
Pedagogia e aprovada em sua forma final pelo
Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Ms. Antônio Fernandes Góes Neto –
UFT/Tocantinópolis.

TOCANTINÓPOLIS/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L743p LINDEMBERG COSTA LUCAS, WAGNA.
OS PESCADORES E A COLONIA DE PESCADORES Z-7 DE
TOCANTINÓPOLIS: A prática da pesca e os “saberes” populares.. / WAGNA
LINDEMBERG COSTA LUCAS. – Tocantinópolis, TO, 2022.
67 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Pedagogia, 2022.

Orientador: Antônio Fernandes Góes Neto

1. Educação Popular. 2. Educação Ambiental. 3. Pescadores(as). 4. Colônia
de Pescadores de Tocantinópolis. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

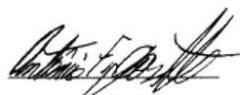
WAGNA LINDEMBERG COSTA LUCAS

OS PESCADORES E A COLÔNIA DE PESCADORES Z-7 DE
TOCANTINÓPOLIS: A prática da pesca e os “saberes” populares.

Monografia avaliada e apresentada à
UFT – Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de
Tocantinópolis/TO, Curso de
Pedagogia para obtenção do título de
Graduada e aprovada em sua forma
final pelo Orientador e pela Banca
Examinadora.

Data de aprovação: **30 / 09 / 2022**.

Banca Examinadora



Prof. Ms. Antônio Fernandes Góes Neto – UFT/Tocantinópolis

Documento assinado digitalmente
gov.br RITA DE CÁSSIA DOMINGUES LOPES
Data: 14/01/2025 16:33:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.ª Dr.ª. Rita de Cássia Domingues Lopes – UFT/Tocantinópolis

Prof.ª Esp. Maria Lúcia Silva – UFT/Tocantinópolis

Tocantinópolis, 2022.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA LUCIA SILVA
Data: 15/01/2025 15:06:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, a minha Família, na pessoa do meu companheiro e amigo de todas as horas, Professor Roberson Silva, meus Filhos Nayôbby Lindemberg Schelweski e Roberson Angel Dí María, meus filhos de coração Victor Deon, Vinicyus Otávio e Lara Rebeca. Além de professores e colaboradores. De forma fraterna aos Pescadores (as) e a Colônia de Pescadores Z-7 por me dar a oportunidade de contar suas histórias.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é uma construção conjunta, construído de um espaço de diálogo e reflexão coletiva. Com participantes exclusivos, ouvintes e debatedores seletos, ouvintes atentos e críticas pertinentes. Onde o apoio, e aconchego nas horas mais difíceis, foram essenciais para construção dessa proposta de trabalho. Portanto agradeço a minha família, pois sem seu carinho e apoio não teria chegado tão longe.

Realizei o meu grande sonho, esse trabalho não representa uma mera construção científica de uma realidade social dos pescadores (as), mas sim um dever para com estes. Sou grata aos professores do colegiado de Pedagogia e de Ciências Sociais desta Universidade pelo apoio, carinho e dedicação para com a minha formação. Em especial ao meu orientador o Prof. Mestre - Antônio Fernandes Góes Neto: muito obrigada.

Portanto agradeço a todos os pescadores e pescadoras que nos receberam, os servidores da colônia, em nome do Presidente Marcondes Pereira de Sousa Santos e em especial ao meu querido amigo João Arnaldo Gomes (em memória) a quem também dedico esse trabalho.

RESUMO

A cultura da pesca se faz presente no cotidiano dos ribeirinhos que vivem à margem do rio Tocantins a gerações, assim como na antiga (Boa Vista do Pe. João) cidade histórica, a atual Tocantinópolis, no Norte do Tocantins. Constatamos através deste, que há geracionalidade em relação a população que vive à margem do Tocantins. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender e analisar as relações de ensino e aprendizagem entre os pescadores e as pescadoras da Colônia Z-7 de Tocantinópolis. A metodologia adotada nesta pesquisa qualitativa é a história oral temática, com entrevistas junto a pescadores(as) associados(as) junto a Colônia Z-7, a fim de, ouvir suas histórias. Através da análise final dos resultados da coleta de dados, pesquisa documental e entrevistas. Pode-se demonstrar que há uma relação muito forte entre os pescadores e o rio, assim como, uma relação ensino aprendizagem na cultura da pesca. No que diz respeito da produção e ensino/aprendizagem na produção de materiais e métodos da pesca artesanal. Notadamente, há uma diferença demonstrada aqui entre esta modalidade de pesca e a pesca profissional e esportiva. Da mesma forma constatou-se que tanto homens, quanto mulheres, praticam a pesca, repassam conhecimentos entre si e se associa-se e organizar-se em grupo e entidade, a fim de, reivindicar direitos, como o “seguro defeso” e aposentadoria. Há aqui a necessidade de destacar a relevância e a atuação da Colônia de Pescadores Z-7 como instituição representativa dos pescadores, bem como a sua relevância e papel fundamental junto aos problemas ambientais e aos pescadores ribeirinhos causados após a construção da hidrelétrica de Estreito (UHE).

Palavras-chaves: Educação Popular; Educação Ambiental; Pescadores(as); Colônia de Pescadores de Tocantinópolis.

ABSTRACT

The fishing culture has been present in the daily lives of riverside dwellers who have lived on the banks of the Tocantins River for generations, as well as in the old (Boa Vista do Pe. João) historic city, the current Tocantinópolis, in the North of Tocantins. We have observed through this that there is generationality in relation to the population that lives on the banks of the Tocantins. The general objective of this research was to understand and analyze the teaching and learning relationships between fishermen and women of the Z-7 Colony of Tocantinópolis. The methodology adopted in this qualitative research is thematic oral history, with interviews with fishermen and women associated with the Z-7 Colony, in order to hear their stories. Through the final analysis of the results of the data collection, documentary research and interviews, it was possible to demonstrate that there is a very strong relationship between the fishermen and the river, as well as a teaching-learning relationship in the fishing culture, with regard to the production and teaching/learning in the production of materials and methods of artisanal fishing. Notably, there is a difference demonstrated here between this type of fishing and professional and sport fishing. Likewise, it was found that both men and women practice fishing, pass on knowledge among themselves and join together and organize themselves into groups and entities in order to demand rights, such as “closed season insurance” and retirement. It is necessary to highlight the relevance and performance of the Z-7 Fishermen’s Colony as an institution representing fishermen, as well as its relevance and fundamental role in dealing with environmental problems and riverine fishermen caused by the construction of the Estreito hydroelectric plant (UHE).

Keywords: Popular Education; Environmental Education; Fishermen; Tocantinópolis Fishermen’s Colony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa do Rio Tocantins destacando a bacia hidrográfica.....	24
Figura 2	Foto Cheia de 1980 - Rio Tocantins – Tocantinópolis	30
Figura 3	Logo da colônia de Pescadores.....	36
Figura 4	Sede da Colonia de Pescadores Z-7.....	37
Figura 5	Localização do município de Tocantinópolis, Tocantins, e da Colônia de Pescadores Z-7 - lócus da pesquisa	42
Figura 6	Imagem da UHE – Estreito (ver anexo A)	
Figura 7	Peixes mortos - Aterro da UHE.....	44
Figura 9	Peixes mortos - rio Tocantins parte de baixo da Montante	45
Figura 12	Situação do Rio em 2017. Seca do Rio Tocantins após Fechaento das Comportas.....	47
Figura 13	Apêndice A.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Diferenças Metodologicas em Meihy (2002)	28
Quadro 2 - Relação de espécies com pesca liberada com restrição de tamanhos...	34
Quadro 3 - Relação de peixes tradicionais do rio Tocantins.....	35
Quadro 4 - Apêndice A Fotos da Pesquisa/Colônia Z-7.....	64
Quadro 5 - Quadro 5 - UHE- Estreito.....	66

LISTA DE SIGLAS

UFT	Universidade Federal do Tocantins
UHE	Usina Hidroelétrica de Estreito
GEPHEA	Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Educação e Artes
(EA)	Educação Ambiental
HO	História Oral
MDA	Ministerio do Desenvolvimento Agrário
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
SAP	Secretaria de Aquicultura e da Pesca
CESTE	Consórcio Estreito Energia

SUMÁRIO

Sumário

AGRADECIMENTOS	6
LISTA DE SIGLAS	11
1. INTRODUÇÃO	163
2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO POPULAR.....	16
2.1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EA)	16
2.2. Educação Popular	20
2.3. História Oral (HO)	26
3. PESCA, PESCADO E PESCADOR.....	30
3.1. A Pesca e seus Desdobramentos	30
3.2. Os Tipos de Peixes	33
3.3. Os Pescadores e a Colônia de Pescadores de Tocantinópolis	36
4. RELATOS E HISTÓRIA DE VIDA DOS PESCADORES DE TOCANTINÓPOLIS.....	41
4.1. A Questão Ambiental, o Pescador e a UHE – Estreito	41
4.2. Relatos de pescadores e pescadoras - Colonia de Pescadores Z-7.....	49
4.3. A Formação do Pescador: uma relação educativa na pesca	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE A – Fotos da pesquisa realizada com pescadoras e pescadores entrevistados(as) e estrutura física da Colônia Z-7.	64
ANEXO A – FOTOS DA PESQUISA – UHE- Estreito	66
ANEXO B – DOCUMENTOS DOS PESCADORES	67
ANEXO C – DOCUMENTOS DA COLÔNIA	68

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da necessidade de compreender a comunidade local de Tocantinópolis, no estado do Tocantins, a partir da cultura da pesca levando em consideração a ação pedagógica exercida pelos atores, ou seja, pescadores e pescadoras, das famílias ribeirinhas e os saberes populares repassados entre as gerações de pai para filho e outros elementos que constituem a figura do pescador.

O interesse pela temática do trabalho surgiu durante a graduação em Ciências Sociais (UFT – Tocantinópolis), onde houve a oportunidade de observar a realidade social dos pescadores a partir das atividades de estágio curricular supervisionado (I, II, III, IV), realizadas na Colônia de pescadores (Z-7) na cidade de Tocantinópolis. Onde participei ativamente das atividades (reuniões, atividades internas, acompanhamento administrativo, entrega de cestas básicas, etc.) como observadora e participante (estagiária). Foi através destas experiências, que se pôde perceber a realidade social dos pescadores, suas lutas, demandas e relação com o rio Tocantins.

Foi durante a graduação em Pedagogia e participação em grupos de estudo, em especial o Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Educação e Artes (GEPHEA), através de novas leituras que tive a oportunidade de resgatar essas ideias e associar a novos pontos de vista, como percepção pedagógica ou educativa no processo de formação e manutenção da cultura popular dos ribeirinhos, pescadores e pescadoras de Tocantinópolis, através do repasse intergeracional de saberes.

Este estudo tem como objetivo compreender e análise das relações de ensino e aprendizagem entre os pescadores (as) e o rio Tocantins, levando em consideração o que chamamos neste estudo de “cultura da pesca”, repassada oralmente, através de práticas populares da educação não formal e informal, a luz da teoria, além de problematizar os desdobramentos em torno da concepção ambiental e de como a educação popular se manifesta nas práticas destes sujeitos de pesca. Especificamente, a) compreender as relações de ensino e aprendizagem a partir das práticas dos associados da Colônia Z-7; b) compreender a cultura dos pescadores, formada em bases da educação popular e ambiental, identificar os impactos causados pela Hidrelétrica de Estreito, observada após ouvir relatos sobre a memória dos pescadores e pescadoras para com o rio Tocantins.

O trabalho busca apresentar um panorama geral da realidade dos pesquisados(as), observando a relação entre a atividade pesqueira e o pescador. Para tanto adotou-se uma abordagem qualitativa, com entrevistas, pesquisa bibliográfica e documental, *in loco* na Colônia de Pescadores Z-7, reuniões com associados e diretores da entidade com sede na

cidade de Tocantinópolis (TO). Analisando as concepções teóricas da educação popular e ambiental, além de relações sociais estabelecidas na relação familiar entre pais e filhos na atividade pesqueira. Procurando se responder questões sobre como se dá o processo de ensino aprendizagem entre os pescadores e pescadoras, homens e mulheres, que geração após geração vem repassando aos seus filhos e netos os saberes da pesca artesanal na região que abrange a Colônia Z-7 de Tocantinópolis?

Como hipótese, consideramos que há uma geracionalidade¹ da pesca instigada pela maioria dos associados da Colônia de Pescadores Z-7, entre pais e filhos. Nesse caso, afirma-se a importância de se repassar o conhecimento sobre a pesca (*como ato*) e culturalmente (*hábitos/costumes*) de forma pedagógica (*Educativa*) como a relação familiar, bem como a importância de fortalecer uma consciência cultural e ambiental e construir um vínculo relacional (*noção de pertencimento*) do rio no campo imaterial (*subjetivo*), a compreensão acerca das questões ambientais, assim como a interação de pessoas dos mais diversos segmentos sociais.

Como fundamentação, utiliza-se a História Oral², por sua maior proximidade metodológica, assim como boa referência em soluções encontradas em outras áreas do conhecimento, onde exigem uma maior clareza nas informações segundo Branco³ (2020) [...] é mister ressaltar que a História Oral, na literatura acerca do assunto, já foi classificada como método, técnica e teoria. Segundo Branco (2020) autores como Meihy (2002) apontam a existência de três tipos de História Oral: (a) História Oral de Vida; (b) História Oral Temática; (c) Tradição Oral. Escolho a História Oral pois é este o gênero é o que mais atende às demandas deste projeto, academicamente pois possibilita ganho em espaços em instituições e comunidades tradicionais e possibilitando elucidar as questões relacionadas a pesquisa qualitativa. Alinhando, como a leitura de livros, artigos e demais materiais que abordam necessários. Serão realizadas: (1) Pesquisa documental, pesquisa nas documentações da Associação; (2) Entrevista com lideranças, como o presidente da colônia de Pescadores. (roteiro e transcrição dessas conversas); (3) A análise do material utilizado,

¹ Significado de Geracional (adj. Próprio, particular de uma geração. Adj. Próprio, particular de uma geração, de um espaço de tempo demarcado. Relativo à geração, etapa da descendência humana que deve ser seguida por outra, geralmente marcada pelo tempo de 25 anos. (Fonte: <https://www.dicio.com.br/geracional/>)

² A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (Branco, 2020 p.12 apud Alberti 2008, p155)

³ Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho. Jornalista e advogada. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora do Departamento de Comunicação Social (DCS) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Chefe da Unidade de Comunicação Social do Hospital Universitário da UFPI (HU-UFPI).

coleta de dados; (4) Entrevista com (08) pescadores membros da colônia, sendo 05 homens e 03 mulheres.

Por tais razões, neste trabalho apresentamos concepções teóricas, relacionadas às questões ambientais, a educação popular, a cultura local e a pesca. Levando em consideração a relação entre homem e o rio, tomando como base o relato de homens e mulheres membros da colônia de pescadores Z-7, de Tocantinópolis. Para tanto, procuramos neste trabalho dialogar com autores que tratam da temática da educação ambiental como: Loureiro (2009), Sauv  (2016), Claro (2019), entre outros. Da mesma forma lançando um olhar sobre a História Oral com base nas estórias de vidas dos pescadores fundamentados por (autores) e interlocutores da Educação Popular, como: Streck (2006), Freire (2010), assim como os autores que discutem a memória, como: Izquierdo (1989), Bosi (1998), Carvalho (2001), Claro (2014), Rosário (2015), Dentre outras.

O presente trabalho se dividir  em três (3) momentos: A Parte introdutória; contextualiza o, tema proposto, seus objetivos e apresentadas às limita oes do trabalho. No primeiro momento: as concep oes acerca do entendimento teórico de educa o ambiental e cultural popular, pautada na história de vida dos ribeirinhos. Em seguida, abordamos os elementos da pesca, classifica oes dessa atividade, os pescadores, e a colônia de pescadores no seu contexto social e histórico. E logo após essa contextualiza o histórica, uma apresenta o dos relatos dos pescadores sobre questões elaboradas em roteiro, a fim de analisar questões pela  tica dos pescadores e das pescadoras, entrevistados(as), subsidiada por elementos teóricos de educa o ambiental e cultura popular. Assim, a partir desse percurso, são tecidos então os resultados do trabalho, relacionando os objetivos identificados inicialmente com os resultados alcançados. Ainda, propostas possibilidades de continua o da pesquisa desenvolvida, a partir das experiências adquiridas com a pesquisa.

2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO POPULAR

2.1. Educação Ambiental (EA)

Ao falar-se de pesca, considera-se fundamental também falar de cultura, de história, assim como de meio ambiente e educação. A dimensão ambiental tem sua configuração “como uma questão que diz respeito a um conjunto de atores do universo educativo” (Oliveira, 2016 p.11) essa concepção de diversos sistemas de conhecimento perpassa pela esfera da academia, mas, também pelo imaginário do ribeirinho. Os problemas ambientais, o clima, a escassez de água, ou de peixes, assim como seu próprio fluxo, ou determinadas ações que impactam diretamente a consciência coletiva das pessoas que se constituem por uma geracionalidade.

No contexto da geracionalidade podemos questionar se há uma ação pedagógica/educativa da cultura de pesca? Ou seja, o pai ensina o filho a pescar, assim como a mãe ensina a filha, assim como o avô ensina o neto, e a avó a sua neta os artifícios da pesca. Portanto eles ensinam os tipos mutuamente sobre os peixes, as épocas em que se deve pescar, as estações do ano, e ao mesmo tempo estabelece uma conexão com a natureza de modo a compreender o porquê de conservar determinadas espécies de peixes e plantas. Este indivíduo cresce e repassa esse conhecimento apreendido à frente, para seus irmãos e irmãs, assim como outros.

De maneira geral, essa cultura é repassada, além das questões relacionadas à saúde, onde não se pode comer determinado tipo de peixe. Compreende-se que a cultura popular se constrói a partir dos símbolos culturais, que permeiam questões relacionadas ao gênero, pois existem determinados tipos de peixes que não podem ser ingeridos pelas mulheres por serem “carregados”, ou seja, nocivos a saúde da mulher, em período fértil, ou amamentando, ou por estarem menstruadas, ou puerpério, essas concepções estão no imaginário, arraigadas na cultura popular, trazidas por gerações. E essa cultura é transmitida pela oralidade? Por isso, a importância de “ouvir” as vozes dos homens e mulheres no decorrer do tempo, para se construir um argumento correto de uma determinada realidade. Neste sentido:

Com o aumento das possibilidades no campo da pesquisa histórica desde o surgimento dos Annales, os estudos referentes à cultura popular ganharam destaque dentro da discussão historiográfica. Neste sentido os estudos referentes à memória adquiriram relevância, não só pelos seus estreitos vínculos com a História, mas também porque lidar com a memória, principalmente aquelas que são passadas de geração a geração por meio da oralidade e que acabam sendo registradas pela escrita dos memorialistas é uma forma, mesmo que indiretamente, de a história “ouvir as vozes” daqueles que foram relegados ao esquecimento por determinadas perspectivas historiográficas. (Marinho, 2013, p. 4).

Assim, criam-se cosmovisões sobre os peixes pescados nos rios a gerações, então não tem como referir-se à pesca sem referir-se aos tipos de peixes, pegos a margem do rio Tocantins e seus igarapés. Quando criança, por exemplo, estes aprendem sobre, sobre o Poraquê (*praquê*) da traíra, do mandí moela, camarão de água doce, Carí, da Piába, avoador, Surubim, cará, candiru, a piranha e cobras d'água como o sucuri, o jacaré, e outros animais que vivem à beira dos rios. A familiaridade com a fauna e a flora é uma construção de saberes populares que se internalizam e são transmitidos para as gerações futuras pela oralidade. Constrói-se, uma relação com o meio ambiente a partir desse processo de formação do ser humano na base, que é a infância. Assim, percebemos nas falas, “*foi o meu pai que me ensinou, porque aprendeu com meu avô...*” essa é a fala que os entrevistados trazem à luz.

O pescador também tem sua importância na questão ambiental para o controle populacional dos peixes, assim como existem a época de reprodução dos peixes onde a pesca não é permitida pelos órgãos de controle ambiental (piracema), porém para o pescador já é de conhecimento próprio. Pois os mesmos pescam para a sua subsistência, e sabem o tipo de peixe, a quantidade e o tamanho permitidos. Estas ações são importantes para a preservação de determinadas espécies.

Quando falamos de educação ambiental associamos sempre a uma atividade acadêmica ou ligada a um determinado curso ou sala de aula. A educação formal, que segundo Oliveira⁴ (2016) esta se constitui nos processos pedagógicos à formação intelectual e ambiental dos indivíduos, através de conteúdos formalmente organizados pelo sistema educacional, da escola infantil ao ensino superior. Segundo ele, as escolas precisam repensar os conteúdos, tempos, espaços, suas relações internas e com o seu entorno, impregnando o currículo com as demandas locais e estabelecer relações dialógicas no processo pedagógico [...] (Oliveira, 2016, p.11) Ou seja, educação ambiental formal. Ao longo desta pesquisa destacamos elementos trazidos pela memória de pescadores e pescadoras retratando a

⁴ Possui graduação em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales - SP (1997). Professor na Escola Estadual Professora Catarina de Abreu em Sidrolândia - MS, durante os anos de 1998 e 1999. Professor do Centro de Ensino Médio Ary Ribeiro Valadão Filho de 2000 até 2014, professor no CEC (Preparatório para Concursos e Pré-Vestibular) e professor na Escola Estadual Dr. Joaquim Pereira da Costa de 2008 até 2014, na cidade de Gurupi - TO. Possui Especialização em Geografia, com ênfase em Geografia e Meio Ambiente. Professor no Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus de Araguaína. Foi Coordenador do Curso Técnico em Biotecnologia Integrado ao Ensino Médio, no Campus Araguaína entre 2015 e 2018. Diretor de Pesquisa e Pós graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins entre 2018 e 2019. Diretor de Extensão e Cultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO entre os anos de 2019 e 2022. Também exerceu a função de Diretor de Relações Institucionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins em 2022. Possui Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais e Ambientais pela Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutor em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Atualmente exerce suas atividades no Instituto Federal de São Paulo - Campus Votuporanga.

temática de forma vivenciada, pois percebemos uma ação na prática, e no cotidiano do pescador, que se remete a forma de lidar com o ambiente que ele vive, no caso o rio. Aqui percebemos um movimento educativo pautado em uma educação popular, transmitido pela oralidade. Segundo Sauv  (2005) a educa o ambiental visa a induzir dinâmicas sociais, de in cio na comunidade local e, posteriormente, em redes mais amplas de solidariedade. Portanto, percebemos que a educa o formal:

[...]não pode carregar a culpa pelos problemas da vida pública, mas ela também não pode ser isentada de colaborar para a gera o da realidade social. A maioria dos educadores e das educadoras trabalha hoje com base no axioma de que a educa o sozinha não transforma o mundo, mas que sem a educa o também não haverá transforma o. Revertendo esse pensamento, pode-se afirmar que a educa o não   capaz, sozinha, de criar as dificuldades vividas na esfera pública, e não pode ser por elas responsabilizada, mas que também esses fatos contaram com a contribui o da educa o. O mínimo que se deve dizer   que a maioria dos dirigentes da sociedade teve acesso a longos anos de educa o em escolas e universidades. Outros se formaram na militância de setores da sociedade muito próximos da educa o popular. (Streck, 2006, p. 273)

A educa o informal passa pelo processo de comunica o de massa, atingindo a percep o e os sentidos. Segundo Oliveira (2016) através dos meios de comunica o social como o rádio, a televisão, jornais e revistas, seminários e palestras. De acordo com Silva (2021) existem diferentes correntes teóricas sobre educa o ambiental. E ressalta a importância da (EA) tanto para a forma o acadêmica quanto para a forma o pessoal do indivíduo, seja ele aluno ou professor. Portanto,   importante “compreender que a educa o e o processo formativo, requer ambientes formativos e mudanças de a o/compreensão [...]”, criando meios de formar, seja de maneira formal ou informal, portanto.

O ambiente educativo construído no cotidiano escolar pode se colocar como um n  em movimento estruturador de uma rede que se constituía, potencialmente, em um espaço comunicacional de participa o e a aprendizagem, de debate, reflexão, difusão de informa es, em um movimento organizado de rela es que gere pressão na ordem conservadora (Guimarães, 2004, p. 151).

  fundamental compreender que a (EA) passa por um processo de constitui o/surgimento, com princípios pautados principalmente na conscientiza o acerca da preserva o ambiental a partir de questões relacionadas ao clima. Segundo Carvalho (2008) a educa o ambiental   concebida inicialmente como preocupa o dos movimentos ecológicos, com a prática de conscientiza o capaz de chamar a aten o para a finitude e má distribu o do acesso aos recursos naturais, ou seja, uma emergência ecológica global.

A educa o ambiental popular seria essa amálgama entre educa o formal e informal que constitui uma internaliza o de saberes, que serão a pouco transmitidos entre indivíduos,

uns conscientemente e outros pela importância que a temática carrega no imaginário social das pessoas envolvidas no processo formativo. A compreensão da temática de educação popular está intrinsecamente ligada a educação ambiental (EA) de forma geral, pois os materiais e obras as quais posso citar algumas, sobre os ribeirinhos do Tocantins, corroboram com o nosso pensamento crítico e reflexivo acerca da realidade social das comunidades ribeirinhas, como a obra de Parente⁵ & Silva Júnior⁶, (2019), onde através da memória, resgata as transformações sofridas pelo rio Tocantins. Gostaria de citar da mesma forma o trabalho produzido por Lopes (2021⁷), o longa-metragem “Tudo é rio⁸”, que tem por seu roteiro e direção, o professor Helen Lopes de Sousa. Que mostra uma realidade dos pescadores em primeira mão, tendo a oportunidade de trabalhar com os que classifico como “impactados”. Ressalto que alguns dos entrevistados desta pesquisa estão presentes no filme. Destaco a importância da visão do professor Helen Lopes, que coaduna com a nossa perspectiva, que é a de contar a história do pescador ribeirinho de Tocantinópolis – Tocantins, levando em consideração a suas vivências no rio e na comunidade pescadora. Está, por vezes, esquecida e negligenciada por uma determinada parcela da sociedade Tocantinopolina. É uma produção indelével; um filme documentário lançado em 2021. Para registro, a nossa essa pesquisa inicia-se em um primeiro momento ainda em 2011⁹, resgatada através deste trabalho.

Mesmo com algumas produções se desenhando em torno da figura do pescador, vejo ainda pouco enfoque no protagonismo destas pessoas cujo resiliência os faz superar todas as

⁵ Témis Gomes Parente - Possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí (1986), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1996) e doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2001). Fez Pós-Doutora pelo CEDEPLAR/UFMG (2010) - Professora Titular aposentada da Universidade Federal do Tocantins. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0470934521441767>

⁶ Cícero Pereira da Silva Júnior – Doutorado em História Social da Amazônia pela UFPA (2021). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Oral, Teoria da História, História do Tempo Presente e História do Brasil Republicano; Filosofia Contemporânea com ênfase em Walter Benjamin e Michel Foucault. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9908043285047113>

⁷ Helen Lopes de Sousa – Possui graduação em História pela Universidade Federal do Maranhão (2001) e mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2009). Tem experiência na área de História, com ênfase em cultura brasileira, memória e cidade. É Fotógrafo e Cineasta, Tendo produzido Capuz (2019), Andarino (2018), Romana (2017), Leminskânus (2016). Foi professor e colaborador do Colegiado de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1688285351098121>

⁸ O longa-metragem "Tudo é Rio", dirigido e roteirizado por Helen Lopes, foi exibido numa sessão gratuita no Câmpus da UFT em Tocantinópolis na quinta feira (06) de Janeiro de 2022. O filme foi realizado com recursos da Lei Aldir Blanc. "Tudo é Rio" é uma produção audiovisual que retrata a vida dos pescadores da região de Tocantinópolis e as dificuldades que enfrentam diariamente. Entre os assuntos abordados ao longo do filme, estão a história de cada um dos entrevistados, a presença feminina no meio, os impactos da construção da hidrelétrica de Estreito na atividade pesqueira e outros (UFT, 2022).

⁹ Em 2011 iniciamos através de projeto de TCC durante a graduação em Ciências Sociais essa pesquisa e devido a falta de orientador não pude levar a frente a proposta em curso na época, essa que hoje se materializa no presente trabalho acadêmico.

adversidades, classificamos estes indivíduos como “impactados” diretamente por ações do poder público/privado a início pela UHE-Estreito. Hoje, por sua vez, encontra-se constantemente em suas atividades à margem de pesquisa e de literaturas acadêmicas. Por tanto percebi a necessidade de explorar a temática, observando os dilemas enfrentados pelos associados (as) da Colônia Z-7, adotando o procedimento das entrevistas, no intuito de ouvir e registrar suas histórias de vida e, a partir delas, listar e interpretar suas demandas no que diz respeito ao tema da educação, da cultura e da pesca.

2.2. Educação Popular

No processo de formação do indivíduo, não podemos deixar de destacar o contexto histórico, social e político. Nossa concepção é que os indivíduos e suas relações sociais constroem uma perspectiva histórica. Vale ressaltar, porém, que o fazer história é diferente de contar histórias. Educação popular é uma ação de educação não-formal, uma construção da formação do pensamento do indivíduo a partir de elementos que partem de uma necessidade, e são compreendidos em um cenário rotineiro, transmitido pela oralidade. Nesse sentido podemos iniciar o debate acerca da educação popular, a partir de determinadas concepções teóricas, que podem ou não dá fundamentação a temática, percebemos que:

A educação popular encontra-se hoje, quem sabe mais do que nunca, confrontada com o seu labirinto. Há menos de duas décadas, durante os debates da Constituinte e na antecipação de mudanças com o envolvimento da educação popular, Paulo Freire (in Torres, 1987, p. 74) a definia como “um esforço no sentido da mobilização e da organização das classes populares com vistas à criação de um poder popular”. Tratava-se, evidentemente, conforme ele mesmo gostava de frisar, de um poder recriado. Hoje parece haver um desencanto com a própria possibilidade de recriação do poder. (Streck, 2006 p. 282)

Compreendemos a educação como formal e não-formal, onde a primeira representa todo o campo de conhecimento apreendido pelo indivíduo em uma entidade informacional, ou seja, na escola. Já a educação não-formal é todo o arcabouço de informações que o indivíduo absorve ou apropria-se no seu cotidiano, por experienciar situações cotidianas, o fator primordial para tanto seria a dialogicidade¹⁰. Este fator seria a chave para a transferência de saberes e práticas. Nesse sentido vimos como é importante compreender acerca do contexto da educação popular pautada no saber popular.

Portanto, compreendo que o saber popular é a base desse conhecimento, repassado

¹⁰ Seungo o Dicionário Aurélio - (Substantivo Feminino) Característica do que é dialógico, dialogal, daquilo que se efetua por meio do diálogo, de uma interação comunicativa, da conversa. Qualidade do que propõe acordo ou se efetiva por meio de um acordo: a dialogicidade entre nações conflitantes.

cotidianamente uns aos outros em uma relação de troca de saberes. Nesse horizonte, percebemos os saberes como campo do conhecimento não formal onde é adquirido. E, a partir disso, que percebemos como transformador é a educação popular, o seu conhecimento a sua capacidade de compreensão de mundo a partir da visão de outros. Nesse sentido precisamos refletir sobre os saberes dessa comunidade culturalmente construída:

Acredita-se que o horizonte da Educação Ambiental Popular possibilita a busca pela constituição do que Santos (2016) denomina enquanto Epistemologias do Sul, compreendendo-as enquanto uma ecologia de saberes pautados na justiça social, ambiental e cognitiva, que considera a multiplicidades dos saberes sem hierarquizá-los. Outrossim, Freire (1986, 2002) reafirmou ao longo de sua vida e obra a inexistência de “saberes mais” ou “saberes menos”, mas sim, diferentes. (Claro, 2019, p. 7).

Nesse sentido percebemos a composição dos saberes de um indivíduo que se destaca, de acordo com as características de quem ensina e quem aprende ao mesmo tempo. Os saberes são repassados, moldados com o tempo. Esse é um pressuposto que forma a educação popular. Nesse contexto o que seria essa forma de educação na concepção ambiental, seria a educação ambiental popular, onde.

Na busca por demarcar tantas formas de se fazer e teorizar a Educação Ambiental, é válido demarcarmos uma possibilidade por meio da compreensão da “Educação Ambiental Popular”. O termo surge no México em 1987, quando da criação de uma Rede que buscava um espaço dialógico entre educadores populares que recorriam a elaboração de uma outra racionalidade, de cunho ambiental (Peralta, 1997). Segundo Barbosa (2002), essa proposta configurou-se por meio da Red de Educación Popular y Ecología – REPEC, que surgiu como proposta de membros vinculados ao Consejo de Educación de Adultos da América Latina – CEAAL. (Claro, 2019, p. 7).

Assim, como encontramos expresso por Martí (2001, p. 375) na segunda metade do século XIX: “Educação popular não quer dizer exclusivamente educação da classe pobre, mas que todas as classes da nação, que é o mesmo que o povo, sejam bem-educadas” (Streck, 2006, p.274), nesse sentido observamos que seria preciso, “aceitar que a própria busca de identidade seja constitutiva do que se é como povo implica um outro tipo de atitude diante de nossa realidade.” (Streck, 2006, p. 275). Brandão (2015) comenta, por sua vez, sobre o berço da educação popular: este por sua vez é “O lugar estratégico que junta a educação popular é o dos movimentos e centros de cultura popular: movimentos de cultura popular, centros populares de cultura, movimentos de educação de base, ação popular.” (Brandão, 2015, p.46) é aqui que se consolida a educação popular.

Ainda nas palavras do mesmo autor:

[...] a educação popular emerge como um movimento de trabalho político com as classes populares através da educação. Diante de um modelo oficial de educação compensatória, a educação popular não se propõe originalmente como uma forma “mais avançada” de realizar a mesma coisa. Ela pretende ser uma retotalização de todo o projeto educativo, desde um ponto de vista popular. (Brandão, 2015, p. 42)

Neste contexto, comungo do pensamento de Brandão (2015), acerca da educação popular, onde vimos esta como um “saber da comunidade” um saber local; na concepção Freiriana sobre a educação feita com o povo, com os oprimidos e/ou até mesmo com as classes populares. Objetivando a formação de sujeitos de si, pessoas com capacidade e consciência de classe, organização política e afirmação. Nesse sentido compreendemos que é necessário entender esse saber “o saber popular” pois assim, podemos analisar melhor uma realidade social buscando resgatar elementos antes ocultos.

É preciso recuar longe, memórias de um passado remoto, para conhecermos como o saber terá emergido à vida e, circulando entre tipos de pessoas, terá diferenciado uma região de si mesmo como educação. Como isto terá se passado muito antes de ser, pouco a pouco, haverem dominado a escrita, é evidente que não ficaram marcas e tudo o que os investigadores do assunto encontram são sinais efêmeros, de que constroem suposições. (Brandão, 2015, p. 7).

Consequentemente, para resgatar um saber popular é importante a utilização de ferramentas como as da história oral, “que tem se constituído numa prática importante no ambiente acadêmico, entendida como metodologia de investigação social, como área de conhecimento e/ou como instrumento de luta política” (Khoury, 2010). Nesse sentido, se faz necessário a investigação de momentos e contextos históricos dos atores sociais em questão, os ribeirinhos – pescadores e pescadoras, associados (as) ou não a Colônia de Pescadores no município de Tocantinópolis – Tocantins. Cidade com um contexto social e histórico que vem de meados de 1830 (Nimuendajú, 1939) porém segundo Palacin (1990) e Correia (1977) a origem é de 1818. Percebe-se que no contexto histórico, a importância do rio não tão somente para a navegação ou transporte de mercadorias e pessoas, mas também, para o próprio processo de povoamento e constituição do município de Boa Vista do Tocantins e da região do Bico do Papagaio. Este território é ocupado originariamente segundo (Nimuendajú, 1939) pelos povos indígenas (Apinajé), que sempre teve o rio como principal fonte de subsistência.

Através do processo histórico de formação da sociedade Tocantinopolina, observa-se a importância de compreender acerca do contexto da formação histórica do município, suas lutas e sua formação cultural, social e política, com base na influência regional das cidades do Sul do Maranhão cujo estendia vasta relação econômica e política. Para tanto, é necessário conhecer suas histórias, ouvi-las e dar voz ao que não foi dito. Quanto ao pescador (a); importa

salientar sobre o que pensam estes atores sociais, ribeirinhos de Tocantinópolis. Percebe-se que a história oral é a base para descrever esse cenário. E o processo de afirmação dessas pessoas, dessa comunidade que se destaca pela exploração constante do rio, e tudo ele oferece, reafirmando os momentos da sua constituição enquanto pessoas, seres sociais. Pois,

[...] é compreensível que muitas práticas de educação popular tendam a encerrar-se em si, numa tentativa de sobrevivência, ou assumir o caráter reivindicatório diante do Estado como o grande ator social. Analisando a sociedade civil e as alternativas de ação dentro dela, Bonamusa (1997) identifica três tendências que podem ajudar no direcionamento das práticas de educação popular. A primeira delas enfatiza o fortalecimento das organizações, especialmente aquelas de caráter popular, sem necessariamente uma referência ao Estado. A democracia realiza-se e esgota-se dentro das organizações. Bonamusa chama essa tendência de sociocêntrica. Talvez encontrássemos dentro dessa categoria muitos dos empreendimentos de economia solidária. (Streck, 2006, p. 277)

Destacamos nesse cenário associativista, centrado na figura da entidade representativa no caso da Colônia Z-7, como base dessa análise, assim como a educação destes, pautada na troca de saberes, aqui temos a memória como foco do nosso trabalho, pois compreender os significados que esta trás é fundamental para a pesquisa esta pesquisa acadêmica. Está, vislumbrando quem sabe novos horizontes de análise, para tanto, é preciso compreender a importância objetiva e subjetiva do rio, e dos autores envolvidos, segundo Parente & Silva Júnior (2019), que versam sobre o Rio Tocantins e os ribeirinhos, constatando a beleza de se falar sobre esse rio, que tanta história possui, tantos olhares, um rio que um dia navegado pelos franceses e outrora por portugueses e luso brasileiro no período Colonial. E explorado como base de pesquisas por vários autores, que tratam acerca da história da constituição e povoamento da região norte do estado de Goiás, hoje Tocantins.

Autores como Giralдин (2004), Barros (1997), Correia (1977), Palacín (1990), Nimuendajú (1983) e outros acadêmicos de todos o país que descrevem acerca do processo formativo, enfrentamento e disputa por território entre colonizadores, bandeirantes, e indígenas, e de repovoamento desta região. Levando em consideração concepções como: Visões de mundo, temporalidades, relações ser humano e natureza, hábitos, costumes e práticas, economia e política além do resgate e construção histórica a partir da memória. Em meio a esse contexto, destaca-se aqui, a figura do rio Tocantins, como ator central e ao mesmo tempo espectador das transformações no meio social, cultural e histórico. Cujo ponto de partida, é a bacia hidrográfica do rio Tocantins e do Araguaia. Abaixo (figura 1) mapa mostrando a bacia dos rios Araguaia e Tocantins.

Figura 1- Mapa do Rio Tocantins destacando a bacia hidrográfica.



Fonte: Bacias Hidrográficas do Brasil.

Parente & Silva Júnior (2019) trazem da mesma forma que observa este trabalho, a importância do resgate histórico, a partir da memória de outros (no caso aqui dos ribeirinhos). Levando em consideração ferramentas como a *historiografia*, ferramenta importante na construção de argumentos palpáveis, nesse sentido.

Francisco Iglésias entende a historiografia como produção intelectual (obras elaboradas) e não como documentos. Afirma que a história é o processo de historiografia é descrição ou reflexão do processo. Marlene Almeida equipara história e historiografia, consideradas uma prática intelectual produtora do conhecimento histórico. José Honório Rodrigues entende por historiografia a “história da história”, enquanto Lapa considera a historiografia como a análise crítica do conhecimento histórico. Ao destacar sucintamente o posicionamento desses autores, constatamos a diversidade de enfoques referente à delimitação dos objetos relativos ao campo da história e historiografia, assim como os limites epistemológicos que as aproximam ou diferenciam. (Torres, 2007, p. 55)

Através desse caminho, percebe-se a construção do trabalho, a partir de um elemento central, *o rio*. Com uma base na história de vida de pescadores e pescadoras, ribeirinhos que fazem menção, ao rio, de memórias, de histórias, avariado pela ação do homem. Trazendo a reflexão sobre a construção da Usina Hidrelétrica e Estreito e o que esta representa para o cenário social e cultural das pessoas e como afetam seu modo de vida junto ao rio.

Segundo Parente & Silva Júnior (2019),

As hidrelétricas instaladas no leito do rio Tocantins. Transformaram-no em uma imensa “escadaria” de lagos artificiais, o que pode dar o sentido de “um rio paralítico

feito um animal vivo que morreu só a metade”, como canta tão bem o poema de Terra. Assim, o objetivo deste artigo é trazer para a discussão o sentido do rio para as pessoas que vivenciaram sua perda. (Parente; Silva Júnior, 2019, p.158).

Nesse contexto observamos o rio, não seria tão somente água, como correntezas, quedas, lagos e peixes. Mais, como um corpo vivo, dotado de alma, vida e morte. Local onde homens e mulheres emergem de suas margens, para viverem em função não apenas de um contexto da pesca, mas de um modo de vida, um laço muito forte. Parente & Silva Júnior (2019) falam de “Um rio com a espinha quebrada” um rio paralítico, onde as hidrelétricas, afetaram e afetam diretamente esse rio, suas comunidades, sua cultura, com a pesca, a travessia, os passeios, as plantações e colheitas, provindas das idas e vindas da água. Ressaltando aqui a memória como chave para abrir porta e desvendar o rio.

Várias são as memórias a respeito do Tocantins; todas emergem das relações multifacetadas e ambivalentes que os indivíduos construíram com o rio, com seus ritmos e suas dádivas. As cheias do Tocantins determinavam tanto o tempo de plantar e colher como o momento de abandonar as casas, para retornar somente quando as águas recuassem. As cheias periódicas do Tocantins deixaram profundas marcas na memória oral das comunidades que o margeavam. (Parente; Silva Júnior, 2019, p. 171).

Percebe-se aqui, como a educação popular da comunidade se consolida no imaginário coletivo dos pescadores (as) (ribeirinhos) em uma perspectiva simbólica. Preenchendo todo um imaginário coletivo. E, da mesma forma, percebe-se como funciona a relação de ensino e aprendizagem dos pescadores e pescadoras do rio Tocantins. São os saberes e práticas, que vão muito além do ensino de técnicas de pesca. Em Tocantinópolis, através dessa pesquisa (como apresenta no anexo A) tivemos a oportunidade de afirmar que a pesca, não é tão somente ir ao rio pegar o peixe, más, a compreensão destes indivíduos sobre um conjunto de saberes por eles adquiridos ao longo do tempo. Esses saberes constituem a figura do pescador (a) que vive à margem do rio Tocantins em Tocantinópolis. Estes mesmos indivíduos são filiados a uma entidade de classe (a colônia de pescadores Z-7) entidade representativa (estatuto - anexo D) que é responsável pela gestão de ações em prol dos mesmos.

Assim, percebe-se momentos de construção do saber, a partir das relações sociais, e das trocas de saberes (pela vivência), e a importância do papel da oralidade, do meio social. A necessidade do indivíduo da mesma forma, são princípios de causalidade que construíram essa ramificação de idéias, de saberes que constituem o pescador, o pescar, o ensino da pesca, o ato de pescar, representa (um padrão simbólico) ou seja, uma cultura *da pesca* e que perpassa pela educação popular e pela geracionalidade.

Compreender essas nuances é fundamental para podermos perceber melhor o contexto

social em questão, para tanto, é necessário a utilização de ferramentas que nos ajudem a elucidar os fatos e contextualizar a pesquisa. Para tanto recoremos a História Oral, que vem nos emprestar ferramentas metodológicas em sua base teórica, para termos uma melhor compreensão acerca de como captar esse cenário, esse contexto social. Possibilitando aos pesquisados (as) a possibilidade de ver melhor, trazendo a luz formas de fundamentar melhor nossa opinião, possibilitando uma compreensibilidade acerca do que estamos tratando.

2.3. História Oral (HO)

A História Oral, torna-se então, ferramenta metodológica importante no contexto dessa pesquisa, pois possibilita contar a história do rio, e contar a história do pescador, nesse sentido contar a história do pescador é contar a história do rio. Portanto, ouvir a história do pescador é ouvir a história do rio e vice-versa. Percebemos aqui a ligação íntima destes dois organismos vivos cujo traz significado e importância para a História Oral como ferramenta de pesquisa, pois há, a necessidade nesta de utilização de ferramentas e métodos que focam especialmente as possibilidades de manifestações e fontes que normalmente são excluídas de relatos oficiais, segundo Guedes-Pinto:

A HO preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a "tradicional" quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais. (Guedes-Pinto, 2002, p.92)

Assim, a história reflete a vida, a vivência e eterniza personagens. O resgate através da memória traz perspectivas, momentos, modos e constroem vivências, elementos essenciais para a leitura da realidade social em que está inserido. Em dado momento neste trabalho trago elementos de análise sobre o tempo e a memória, os peixes e o pescador, de forma tanto institucional quanto coletiva, comungo da perspectiva de Queiroz (2006) que afirma:

História Oral é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variadas formas, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma cultura. (Queiroz, 1988, p. 19).

A partir deste ponto de vista, observamos como é necessário compreendermos a temática da história contada, e sua utilização como ferramenta de análise teórica, para a fundamentação e embasamento de pesquisas no qual necessitam ouvir pessoas, da mesma forma, observa-se aqui, como fundamental compreender sobre a arte de contar histórias,

ressaltando a importância de autores como Souza (2006) como relação a pesquisa de história de vida:

[...] ao situar percursos epistemológicos da pesquisa com história de vida ou narrativas de formação. [...] apresenta diferentes tipificações e entradas construídas como prática de investigação/formação com histórias de vida nas ciências Sociais, destacando a heterogeneidade em torno da temática e dos percursos desta abordagem de pesquisa como constituída de diferentes campos disciplinares (Souza, 2006, p.22)

A História Oral, é definida como a “arte a escuta” (Portelli, 2016), a História Oral, como objeto de análise, surge após a segunda guerra mundial, segundo Branco (2020), existem fatores que contribuem para esse surgimento no caso estes são atribuídos: (a) os avanços tecnológicos relacionados à captação, distribuição e armazenamento de áudios e imagens; (b) desejo dos historiadores em registrar as vivências de pessoas como combatentes e sobreviventes perante a guerra (Branco 2020 *apud* Meihy, 2002). Segundo a autora, os fatores que contribuíram para o surgimento da (HO), está intimamente ligada ao episódio da segunda guerra mundial. Nesse sentido, o cenário contribuiu muito para o seu surgimento, segundo Branco (2020), os fatores em questão são;

[...] o primeiro fator, vale lembrar que o rádio, durante o segundo conflito mundial, exerceu papel fundamental, devido a sua instantaneidade, tanto no que se refere ao uso militar, como também como meio informativo e, ainda, como recurso para concretizar estratégias de persuasão. Nesse sentido, o aprimoramento de técnicas e tecnologias que permitissem a realização de entrevistas jornalísticas e a difusão de informações foi essencial para o surgimento da HO. Acerca do segundo fator, é necessária a compreensão de que uma guerra de grandes proporções envolve inéditos e ricos elementos históricos, os quais despertaram nos pesquisadores a intenção de registrá-los por meio de narrativas dos sobreviventes, preservando memórias que poderiam ser revisitadas como alerta para a necessidade de união dos povos e adoção de medidas que evitassem a ocorrência de um novo conflito com semelhantes consequências. (Branco, 2020, p.10)

Segundo Mihiy (2002) e Branco (2020) o termo “História Oral” (HO), foi oficializado por Allan Nevis na Universidade de Colúmbia – *New York city* – difundindo-se nos Estados Unidos (EUA) e posteriormente na Europa e no México, tendo com facilidade a aquisição de vários “adeptos em diferentes áreas, dentre as quais Antropologia, História, Ciência Política e Sociologia.” (Branco, 2020), quando ao método;

Paul Thompson, a quem se atribui a introdução do método na Universidade de Essex, na Inglaterra, com o objetivo de coleta de depoimentos de “pessoas comuns”, entende que o então uso de aparatos tecnológicos para registros dessas falas pode ser considerada uma novidade, mas que a história oral em si é tão antiga como a própria história (Branco, 2020 *apud* Thompson, 2002).

No Brasil a referida metodologia foi introduzida na década de 1970 na Universidade de São Paulo e o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História

Contemporânea do Brasil – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Abraçados especialmente segundo Alberti (1990), em estudos nas áreas da História, Sociologia e Antropologia. E com o interesse constante pela metodologia, criou-se em 1994, A Associação Brasileira de História Oral, com membros de todas as regiões do Brasil, (Branco 2020).

Em 1996 se criou a Associação Internacional de História Oral como congressos bianuais, além de ampliação dos debates, estudos e resultados em torno da produção e da metodologia. No entanto, cabe ressaltar que a História Oral no âmbito da literatura foi conforme Branco (2020), método, técnica e teoria. Assim como na atualidade é adequado ser considerada como uma “metodologia de pesquisa”.

Para Branco (2020) *apud* Meihy (2002) há a existência de três tipos de História Oral: (a) História Oral de Vida; (b) História Oral Temática; (c) Tradição Oral. A primeira, segundo a autora, se distingue tanto da biografia quanto da autobiografia, onde a figura do pesquisador não é necessária. A segunda, busca especificamente fatos e detalhes que interessa exclusivamente a pesquisa, no caso de “[...]detalhes da vida do narrador e as experiências pessoais adquirem interesse à medida que revelam aspectos vinculados à temática central” (Branco, 2020 p.12). A terceira por, portanto, traz elementos como o foco central na visão de mundo de comunidades que têm valores por “estruturas mentais [...] que se manifestam pelo folclore e pela transmissão geracional”. (Branco, 2020, p.12).

Para melhor elucidação dos termos exemplificados por Branco (2020), apresentamos um quadro sobre as diferentes ações metodológicas dos três tipos de História Oral. Para tanto, trazemos o quadro abaixo (Quadro 1) adaptado de Meihy (2002).

Quadro 1. Diferenças Metodológicas em Meihy (2002).

História Oral de Vida	História Oral Temática	Tradição Oral
<ul style="list-style-type: none"> - Sujeito primordial: depoente (narrador). - Valorização do relato ou da versão apresentada pelo narrador. - A entrevista é realizada com base em tópicos ou perguntas amplas, de forma a permitir a abordagem de experiências 	<ul style="list-style-type: none"> - A atuação do pesquisador/entrevistador é mais explícita e fica evidenciada na pesquisa. - O pesquisador tem um papel ativo, inclusive sendo a ele possibilitada a contestação. - A entrevista é utilizada 	<ul style="list-style-type: none"> - Tem como ênfase a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto. - Perpassa questões que se manifestam pelo folclore e pela transmissão geracional.

<p>pessoais do entrevistado, segundo a sua vontade.</p> <p>- O pesquisador/entrevistador não contesta a narrativa.</p>	<p>pelo pesquisador, mais como um documento para a busca de esclarecimentos acerca de uma temática central, previamente selecionada.</p> <p>- Centra-se em um assunto específico e restabelecido, objetivando-se narrativa do entrevistado vinculada a esse acontecimento.</p> <p>- Detalhes da vida pessoal do narrador adquirem interesse apenas se vinculados à temática central.</p>	<p>- A narrativa do entrevistado adquire caráter mais coletivo que individual.</p> <p>- A entrevista deve ser realizada com pessoas que sejam depositárias das tradições de tribos, comunidades, clãs ou outros grupos.</p>
--	--	---

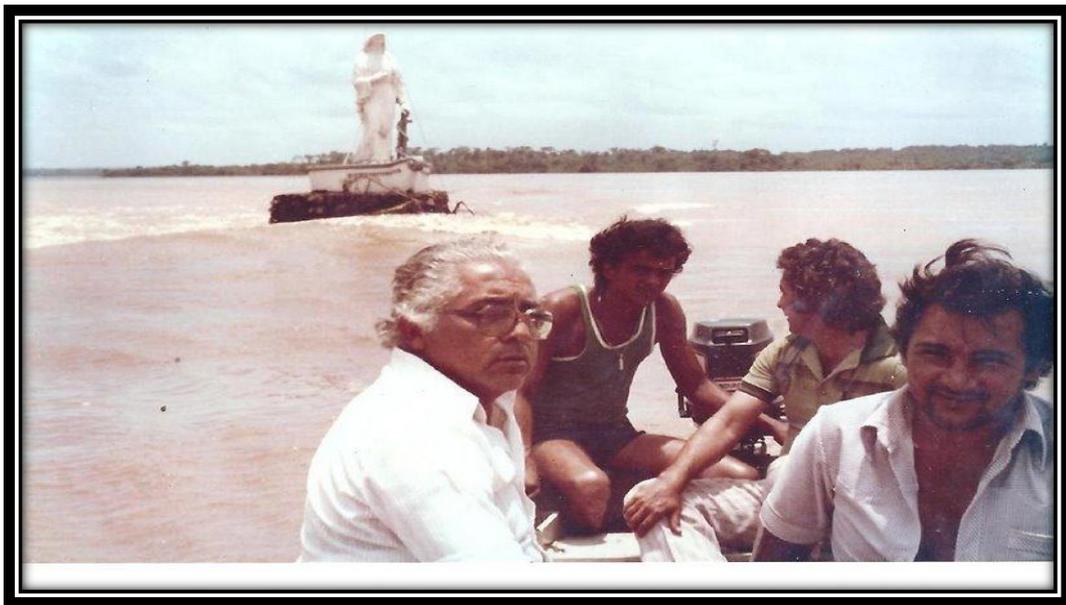
Fonte: Adaptado de Meihy (2002).

Com relação a metodologia a História Oral como ferramenta, busca “compreender as transformações ou mudanças que ocorrem na sociedade, em um grupo social ou mesmo no modo de vida das pessoas”. Permitindo assim, o “entendimento de valores culturais, espirituais e sociais cultivados por um agrupamento humano”. (Branco, 2020, p.13) na mesma obra o pensamento de Philippe Joutard (1999, p. 151) cujo elenca originalmente, três motivos que proporcionam o fazer da História Oral – a) “Escuchar la voz de los excluidos”; (b) “Sacar a la luz las realidades indescriptibles”; (c) “Dar testimonios de las situaciones de sufrimiento extremo”. Ou seja, o objetivo dessa ferramenta é proporcionar o desenvolvimento da pesquisa em um campo onde não há, uma materialidade em dados e relatos documentais em um contexto oficial e ao mesmo tempo dá voz ou melhor ouvidos aqueles cujo não que possuem.

3. PESCA, PESCADO E PESCADOR

Nesse terceiro capítulo, aborda sobre os elementos da pesca, nesse sentido a classificação de viés econômico mais frequente divide essa atividade em três tipos, a saber; a pesca artesanal, ou industrial e a recreativa. Além de distinções dos tipos de pesca, contextualizarmos sobre os pescadores, a colônia de pescadores em contextos sociais e históricos. Nada melhor do que falar do *rio* e os indivíduos que fazem uso deste, é poder apresentar uma registro histórico do que ficou conhecido como a Cheia de '80' (1980), que atravessa as memórias dos Tocantinopolinos e, principalmente, dos seus pescadores. Abaixo imagem de TOCANTINÓPOLIS. Cheia de 1980 – Travessia do Rio Tocantins.

Figura 2 - Foto Cheia de 1980 - Rio Tocantins - Tocantinópolis.



Fonte: Próprio autor (Acervo Público).

3.1. A Pesca e seus Desdobramentos

Nesse trabalho, dentro da tríplice classificação antes mencionada, abordaremos dois tipos de pesca: a artesanal, que configura o perfil dos membros da Colônia Z-7 e a recreativa, que geralmente se refere às práticas de lazer em pesqueiros (pontos de pesca), ou em outras atividades turísticas de pessoas que não se valem da pesca enquanto atividade profissional de subsistência. Antes de entrar em vigor essa classificação baseada na economia que envolve as pescarias, é preciso ressaltar que elas podem apresentar sentidos e funções muito diversas, a

depender do tempo histórico e de cada sociedade.

Segundo relatos dos tempos coloniais de autoria de Staden (2018), os Tupinambás, por exemplo, pescavam com arcos e flechas ou redes. Cabe salientar que estas populações pescavam à beira-mar e, sendo um peixe asseado, os indígenas mergulhavam em seu encaço, até trazê-lo à superfície. A pesca com rede, no entanto, era comunitária: entravam na água, formando um círculo e fazendo movimentos de modo que os peixes acabassem dentro da rede (Staden, 2018). Nesse caso, essas documentações de viajantes formam os primeiros registros escritos sobre o período da reprodução dos peixes pelos Tupinambás: a piracema, que vem da língua tupi (pira – sema)¹¹.

A pesca artesanal é tida como elemento central na cultura nacional e local, nos casos das populações autodeclaradas caiçara, ilhéu, ribeirinha e dos povos indígenas. Ou seja, ela está intrínseca a esta população especificamente, pois já possuem o rio como elemento central de sua subsistência, sendo assim todos vivem do que o rio dá. Já a pesca recreativa, na contramão, é a mais tranquila e agride menos a natureza, pois seu viés se caracteriza apenas por esporte, ou por prazer que está unicamente no ato de pescar determinadas espécies de peixes e seus elementos não estão pautados no consumo. Observamos que a pesca artesanal possui uma variedade de formas de definições¹², assim

[...] a única definição jurídica que se tem desde 2009 da pesca artesanal é bastante dúbia. Isso porque o que se compreende por pesca artesanal é a atividade: 1) realizada em regime de economia familiar; e 2) desenvolvida por meio de embarcações de pequeno porte. (Silva & Oliveira, 2012, p.331)

Como apresentado pelas autoras Silva & Oliveira (2012) há equívocos com relação a dubiedade da definição, poderia se pensar que a inexpressividade da produção poderia construir e reforçar o argumento assim como o pouca produção sobre o assunto no Brasil, porém não é este o caso, pois há um equívoco quanto à relevância econômica da pesca artesanal, cujo o produto é responsável pela alimentação tanto do pescador e família quando

¹¹ O significado seria, respectivamente, peixe e saída. A ordem na formação das palavras é inversa à da língua portuguesa.

¹² Definição prevista na Lei n. 11.959, de 29 de junho de 2009, que dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, em substituição ao Código de Pesca de 1967. A pesca artesanal é definida atualmente como modalidade de pesca comercial, realizada diretamente pelo pescador, autonomamente ou com auxílio do grupo familiar, em embarcações de pequeno porte. Assim, a pesca artesanal passou a ser definida somente em 2009, através da referenciada lei, nos seguintes termos: Art. 8º. Pesca, para os efeitos desta Lei, classifica-se como: I – comercial: a) artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte. Disponível em: < <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/aquicultura-e-pesca/legislacao/legislacao-geral-da-pesca/lei-no-11-959-de-29-06-2009.pdf/view>>. Acesso em: 23 dez 2022.

de membros da comunidade local, além de importante fonte econômica. Ademais, observa-se que sua importância fortalece vínculos afetivos de convívio familiar (parental) ou afetiva (pssas não parentes) pela importância de sua continuidade como atividade tradicional. É uma condição objetiva de subsistência e vínculos sociais, é através dela, que se é passado a geração “saberes” que caracteriza e fortalece as atividades garantindo a sobrevivência da atividade.

Assim,

Apesar da importância econômico-social da atividade, a pesca artesanal não foi regulamentada juridicamente até o ano de 2003. A regulamentação jurídica de todo o setor pesqueiro válida até 2003 foi o Código de Pesca, de 1967. Tal Código trazia simplesmente definições genéricas quanto à figura do pescador. A pesca artesanal não era definida – simplesmente foi definida como ramo da pesca, realizada por pescadores profissionais. O Código de Pesca de 1967 definia a atividade de pesca conforme o agente que a realizava. Havia três grandes grupos de agentes: o pescador profissional, o pescador amador e o cientista. Ao amador era autorizada a utilização unicamente de embarcações para a prática de pescaria recreativa, sem qualquer finalidade comercial. Aos cientistas, igualmente a pesca não comercial era autorizada. A única categoria autorizada legalmente à pesca com intuito comercial foi o pescador profissional¹³. (Silva; Oliveira, 2012, p.333-334)

Como citado por vários pescadores, a muito se tinha abundância de peixes no rio Tocantins peixes como a como a piraíba (*Brachyplatystoma sp.*) capturada por um pescador em 1973, do rio Tocantins na Cidade de Peixe (região sul do estado do Tocantins) segundo ele “o maior peixe que já pescou na vida, pesava aproximadamente 159 kg”. (Souza; *et all*, 2017) relatos como esse fortalecem os locais sobre como era a pesca no rio Tocantins nas décadas de 1970 e 1980 e até mesmo de 1990. Percebemos que a pesca para estes indivíduos possui significado pois não está somente ligado ao viés econômico. Ou seja,

A água para os pescadores fornece muito mais do que peixe, alimentam o espírito, assanham desejos e despertam a imaginação. Não é toa que os pescadores são conhecidos como narradores por excelência, mais do que pescar, precisam contar suas histórias de pescarias (Duarte-Alves & Justos, 2011 *Apud* Souza, *et all* 2017 p.127).

A pesca amadora ou esportiva é uma prática antiga e não regulamentada pelo código da pesca, assim o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento através da Secretaria de Aquicultura e da Pesca, por meio da portaria SAP/MAPA nº 616, de 8 de março de 2022 - Estabelece medidas de ordenamento e monitoramento para o exercício da pesca amadora ou esportiva em todo o território, ressaltando as previsibilidades e utilização de equipamentos em

¹³ Decreto-Lei n. 221, de 28 de fevereiro de 1967. Artigo 26 – Pescador Profissional é aquele que, matriculado na repartição competente segundo as leis e regulamentos em vigor, faz da pesca a sua profissão ou meio principal de vida. Segundo o artigo 28, no seu parágrafo primeiro, a matrícula será emitida pela Capitania dos Portos e Ministério da Marinha.

suas práticas em todo o território nacional.

A pesca amadora ou esportiva é aquela atividade considerada de natureza não comercial, ou seja, no que se refere ao produto de sua captura este não é tido como produto a ser comercializado. Esta é tida e observada neste trabalho com um modo vida, e parte de uma construção macro de cultura. Ao contrário da pesca artesanal, que é um modo de vida (cultura) e de subsistência de homens e mulheres ribeirinhas, que sobrevivem diretamente desta ação, o ato de pescar, a comercialização do pescado.

Aqui temos duas concepções, que constituem a cultura da pesca. A primeira, é uma construção ideológica, psicológica e simbólica que cria uma ideia do “fazer” ,coletivo. Consegue-se visualizar um rito nos hábitos da pesca, uma rede de significados (Geertz,1998) de forma organizada, sistematizada e construída. São padrões de comportamento coletivo, demonstrados em uma ação individual, uma prática coletiva, simbolicamente construída e apresentada e/ou executada na ação individual de cada um.

A segunda, está pautada na *tradição* (esta construída) que permeia o pensar coletivo, cujo os indivíduos se adaptam, absorvem, criando um modo de vida: uma cultura da pesca, a partir do “como fazer”. É nesse ponto, que observamos a questão da cultura como uma rede de significados, que é fortalecido na formação deste indivíduo, identificado pela sua forma de construir redes, manuseá-las com maestria, assim como, a manutenção dos barcos, o uso do anzol, do espinhel, o fato destes saberes qual tipo de peixe pescar, isso em determinada época e lugar. Assim, aprendemos a conhecer os peixes que estão em tamanho ideal para captura. O porquê se deve pescar peixe médio na época da piracema e não o grande esse é um processo educacional do pescador.

3.2. Os Tipos de Peixes

O rio Tocantins, é um rio longo com 2.640 km, nasce no estado de Goiás e desaguando no Oceano Atlântico (Bessa, n. Lui, j. Oliveira, S. 2011). É um rio de natureza profunda com corredeiras, águas claras, uma fauna muito rica, com várias espécies de peixes; entre estas espécies estão as mais conhecidas e citadas por pescadores. Se destacam segundo os pescadores(as) “o jáu, a branquinha, a piabinha, aquele miguilim, piabanha, caranha, pacu manteiga” (Paraguai, 2022). Segundo informações colhidas na colônia de Pescadores Z-7, essas espécies estão expostas em uma tabela com os principais tipos de pescado que podem ou não ser pego em regra geral. Percebemos que peixes como:

O tucunaré (Cicha sp.), piau-flamengo (Leoporinus sp.) e piau-vara (Schizodon sp.)

são sedentários ou fazem migrações curtas e houve um aumento de sua abundância. Em contrapartida, a caranha (*Colossoma* sp.), filhote (*Brachyplatystoma filamentosum*) e a dourada (*Brachyplatystoma* spp.), mandi-moela (*Pimelodina flavipinnis*) e o pintado/surubim (*Pseudoplatystoma* sp.) são caracteristicamente peixes migradores ou que fazem pequenas migrações, com isso é possível notar que houve diminuição na sua abundância, além disso são espécies que possuem grande importância econômica para a pesca da região. (Souza, *et all* 2017 p.124).

Percebe-se que os peixes passam por um processo de adaptação, assim como o pescador nas atuais circunstâncias do rio, hora com represas no decorrer da sua vasta extensão, tornando cada vez mais difíceis determinadas espécies em detrimento de outras que a tanto não se via. Abaixo (Quadro 2) com espécies de peixes liberadas e com restrição de tamanhos, acolhida na colônia de pescadores Z-7 e adaptada fiel ao original.

Quadro 2. Relação de espécies com pesca liberada com restrição de tamanhos.

Relação de espécies com pesca liberada com restrição de tamanhos				
Família	Nome-Comum	Espécie	Tamanho mínimo (cm)	Tamanho máximo (cm)
Potamotrygonidae	Arraia	<i>Potamotrygo n spp</i>	40 (diâmetro)	--
Arapaimidae	Pirosca, Pirarucu	<i>Arapaima gigas</i>	120	180
Osteoglossidae	Araunã	<i>Osteoglossum bicirhosum</i>	50	--
Pristigasteridae	Sardinhão	<i>Pelona flavipinnis</i>	30	--
Pristigasteridae	Apapá-amarelo	<i>Pellona castelnaeana</i>	30	--
Egrualidae	Sardinha	<i>Anchoviella cf. Carrikeri</i>	8	--
Egrualidae	Sardinha	<i>Lycengraulis batessi</i>	15	--
Acestrorhynchida	Cachorrinha	<i>Acestrorhynchus falcatus</i>	13	--
Acestrorhynchida	Cachorrinha	<i>Acestrorhynchus microlepis</i>	13	--
Alestidae	Rabo-de-fogo	<i>Chalceus</i>	10	--

		<i>epakros</i>		
Anostomidae	Aracu	<i>Abramites hypselonotus</i>	10	
Anostomidae	Aracu	<i>Anostomus ternetzi</i>	10	--
Anostomidae	Aracu, casca seca, Piau- boca-fina	<i>Laemolyta fernandesi</i>	15	--
Anostomidae	Pirco-Tambiú	<i>Leporellus vittatus</i>	11	--
Anostomidae	Piau- flamengo	<i>Leponinus affinis</i>	15	--
Anostomidae	Piau	<i>Leoporinus desmotes</i>	15	--
Anostomidae	Piau	<i>Leoporinus friderici</i>	15	--

Fonte : Colônia de Pescadores de Tocantinópolis, 2022.

Além destes peixes há outros peixes típicos do rio Tocantins em sua extensão que tradicionalmente o pescador os cita como parte da fauna a gerações como abundantes, muitos hoje são pouco vistos. Abaixo (quadro 3) com peixes tradicionais do rio Tocantins.

Quadro 3. Relação de peixes tradicionais do rio Tocantins.

Peixe(Nome popular)	Nome científico
Caranha	<i>Colossoma spp.</i>
Filhote	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i>
Papa-Terra	<i>Prochidodus sp.</i>
Dourada	<i>Brachyplatystoma spp.</i>
Pará-pará/ Manpará	<i>Hypophthalmus marginatus</i>
Rubinho/ Pernambuco	<i>Aguarunichthys tocantinenses</i>
Piau Flamengo	<i>Leporinus spp.</i>
Tucunaré	<i>Cicha sp.</i>
Barbado	<i>Piniranpus pirinampu</i>
Pintado Branco	<i>Pseudoplatystoma spp.</i>

Piau	<i>VarraSchizodon sp.</i>
Mandi-Moela	<i>Pimelodina flavipinnis</i>

Fonte: Colônia de Pescadores de Tocantinópolis, 2022.

3.3. Os Pescadores e a Colônia de Pescadores¹⁴ de Tocantinópolis

Apresentaremos aqui a colônia de pescadores, afim de elucidar questões realcionadas a entidade, seu perfil político, social e econômico e atuação na vida dos pescadores de Tocantinópolis. Esta colônia de pescadores de possui um contexto histórico diferenciado, pois que durante muito tempo foi tida como Capatazia (filial da colônia), de Imperatriz há cerca de 100km de Tocantinópolis, isso no início da década de 1990, logo após viria a se tornar Capatazia de Estreito - MA, há 29 km de Tocantinópolis, e a partir de 1997 passa a ser de fato Colônia¹⁵ de Tocantinópolis Z-7 (sétima zona), está situada a Rua do Matador, 249, Tocantinópolis – TO. Abaixo Figura 3 – logo da entidade.

Figura 3 - Logo da colônia de Pescadores



Fonte: Colonia de Pescadores.

¹⁴ Trazemos no apêndice e anexos a partir da pagiana 60 fotos da colônia sua sede e lideres. Para ilustrar o nosso trabalho. Todas as fotos são de acervo pessoas cabendo os direitos autorais em conformidade com a lei 9.610/98 que consolidou a legislação sobre direitos autorais e descreve, em seu artigo 79, as normas para utilização de obra fotográfica. O mencionado artigo, em seu parágrafo 1º, determina que se uma pessoa quer utilizar as fotografias tiradas por alguém deve indicar, de forma clara, o nome do autor.

¹⁵ CNPJ: 2468879000126 -Natureza jurídica: Associação Privada.

A expressão “zona” é o número de registro em ordem de criação. A associação teve como primeiro presidente o senhor José de Ribamar Martins Fernandes (1997) e também destacamos aqui a figura do ex-presidente, já falecido, João Haroldo Gomes de Almeida (*in memory*), pelo trabalho prestado à sociedade de pescadores de Tocantinópolis e região. Foi considerado uma liderança nata, atuante, que representou bem a categoria em abrangência regional, frente a federação de pescadores e demais órgãos a nível municipal, estadual e federal.

Figura 4 - Sede da Colonia de Pescadores Z-7



Fonte: Fotografias tiradas por Wagna Lindemberg C Lucas (2022 (2022))

Seu perfil dinâmico e determinado destacaram João Haroldo como referência no estado do Tocantins. Hoje, seu substituto é o senhor Marcondes Pereira de Sousa Santos (pescador), possui graduação incompleta em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins-UFT, que foi eleito e empossado em 08 de fevereiro de 2020. A entrevistada dona Carmem Assunção Rodrigues (Dona Carmita), empresária com 78 anos, confirma que participou do processo de criação da Colônia –Z-7 em Tocantinópolis.

Eu nasci em 1944, portanto eu tenho 78 anos. Os pescadores, para eu fundar essa colônia, fazer uma reunião, fazer a fundação. Eu tive que fazer uma pesquisa do Estreito até Araguatins. Pesquisei no Estreito que já existia Colônia, e como Araguatins ia pertencer à colônia daqui e tavão também querendo começar uma lá. Então fui pesquisar o que eles já tinham feito por lá e poder aproveitar algumas coisas para colocar. Na nossa fundação, também, nos nossos projetos. Aí, a gente fundou a Colônia. Inclusive, o primeiro presidente foi o José de Ribamar. Durou. Parece que os três anos ou quatro por aí não me lembro bem, minha memória ta falha também. Aí, depois nós tivemos que tirar o Ribamar e botar o Haroldo, né! Para começar uma colônia realmente verdadeira. Até então a gente só tinha uma ata e conversa. Mas as coisas não iam para frente. Então, com Haroldo, mudou completamente e conseguiu até um terreno, já com a casa pronta, ali onde hoje é a colônia. E assim foi também, néeles. O Haroldo também conseguiu, com que os

pescadores, que todos tinham canoa, mas era de madeira. Ele conseguiu os barquinhos para eles, conseguiu um empréstimo no banco, e fez com que todos fizessem um empréstimo no banco e conseguissem o motor e o barco de metal de alumínio. É isso que os pescadores têm hoje. Todos eles têm barco de alumínio com motor bom pra pescar, né! (Carmem Assunção 08, 10/06/2022)

Nesse sentido compreende-se a Colônia como uma instituição, nesse caso uma entidade sindical de primeiro grau, regida pela lei n. 11.699, de junho de 2008, com normativas jurídico-administrativas pautadas na gestão associativista e cooperativista (conforme anexo B) cujo objetivo é defender os interesses de seus filiados (associados) perante o Estado Brasileiro. É uma entidade que está alinhada a Federação Estadual de Pescadores e Aquicultores e a Confederação Nacional dos Pescadores e aquicultores.

A colônia de pescadores Z-7 de Tocantinópolis – TO, é organizada nos termos da legislação vigente aplicável à espécie e tem seus objetivos voltados ao estudo, a defesa e a coordenação das categorias de trabalhadores que fazem a pesca e/ou aquicultura, no município de Tocantinópolis – TO, sua profissão ou principal meio de vida, conforme estabelece a legislação em vigor sobre a matéria especificamente a Lei nº 11.699/2008 e o Título V e o título V, Capítulo I da CLT. (Estatuto Colônia, 2020).

Essa contextualização é importante para reconhecer a colônia como uma entidade representativa de direito privado, é reconhecer a luta dos pescadores, e também a sua natureza jurídica, enquanto organização da sociedade civil, na forma de associação. Nesse contexto é sabido que estes estão unidos em cooperação, e o cooperativismo é:

O termo cooperativismo deriva do latim e expressa um movimento social. É um termo composto pela preposição “cum”, que significa “com, em companhia de, juntamente com” e pelo verbo “operari”, que significa “trabalhar”. Dessa forma, o termo cooperativismo traz em sua origem histórica a noção de trabalho conjunto, de relações sociais de trabalho. Os principais fundamentos filosóficos do movimento cooperativo são:

- Humanismo: valorização do homem pelo que ele é e não pelo que ele tem.
- Solidariedade: um por todos e todos por um.
- Justiça social: a cada um conforme a sua participação.
- Liberdade; autodeterminação do ser, inclusive para a cooperação.
- Democracia: cada pessoa um voto e decisão pela maioria.
- Participação: uma exigência da vida cooperativa. Todos são donos.
- Responsabilidade: responder pelas decisões e acompanhar a vida da cooperativa. (Frantz, 2012, p. 14)

A colônia de pescadores classificam-se segundo o seu estatuto social, como uma entidade político-administrativa voltado para o provimento de ações que venham a garantir o bem-estar de seus associados. Em um contexto econômico podemos também classificar esta como uma economia solidária. A compreensão desta expressão é importante para entendermos que papel a colônia desempenha na vida do pescador ribeirinho de Tocantinópolis.

O estudo sobre associativismo, cooperativismo e economia solidária tem a preocupação com a formação de capacidade crítica. Isto é, uma capacidade criativa e inovadora de pensamentos e conceitos que permitem desenvolver melhor as habilidades e funções profissionais, as interações e ações coletivas de atores sociais de um mundo necessitado de mudanças e transformações sociais. (Frantz, 2012, p. 8).

Portanto, para Frantz (2012) a “cooperação em sua forma moderna pode ser considerada um produto da organização capitalista da sociedade”, ou seja, sempre pressupõe vantagem econômica, nesse caso a Colônia o que representa para seus associados? E quais ganhos? Cabe aos associados: pagar as suas mensalidades em dias, prestar contas do seu pescado, e a estes também o direito, voz e voto, como rege o estatuto social da colônia em seu art.º 6.

Estes, da mesma forma podem receber os benefícios de forma geral, como financiamentos, no caso do que fora feito para aquisição dos barcos alumínio e motor, como o relatado por dona Carmen Assunção (Carmita), assim como os associados, a exemplo cito o senhor Itamar Rodrigues da Silva de 50 anos (Pescador) que relata que fora a partir desse momento que pescador conseguiu ter uma breve condição de realizar com mais eficiência a pesca e transporte do pescado, favorecido também pelos adventos da comunidade como a exemplo do “gelo” citado por ele, como ferramenta importante na preservação do pescado. Em sua entrevista ele cita quando perguntando:

Como era a vida em Tocantinópolis naquele tempo?

Rapaz naquele tempo a vida em Tocantinópolis era mais difícil. Nois chegava com um pexinho ... agente levava pro mercado.... que não existia esse negócio de gelo... a gente botava era na vara...e ficava vendendo. tinha vez que demorava mais um pouco eu botava nas costas e saía vendendo os peixes na rua ... quando terminava, ia vê que não vendia tudo, aí vinha tratava, salgava, botava no sal... ia comendo e vendendo... salgado, aí o pessoal ia comprando. (Itamar Rodrigues, 08/06/2022)

Uma situação importante citada pelos pescadores em relação à colônia de pescadores, na sua forma institucional/legal, ou seja, fundamental é a questão da Carteirinha Nacional do Pescador. É interessante o relato destes pescadores, para entender o processo de consolidação e reconhecimento legal e ao mesmo tempo uma aceitação, interna, deste enquanto pescador legalizado. Na fala deles demoraram a entender isso, pois o perfil do pescador é, de maneira geral, analfabeto, pouco esclarecido. Essa situação e a questão cultural da época, e o pouco acesso a informação dificultaram a compreensão de que a carteira do pescador dá a ele o direito de utilizar as suas ferramentas de trabalho, no caso da linha e o anzol, da rede e da tarrafa, em seu local de trabalho, de labor diário, sol a sol, que é o rio.

No relato do senhor Itamar Rodrigues da Silva, de 50 anos (Pescador), fica evidente essa herança cultural, onde para muitos a ideia do rio como deles, não existia essa proibição, isso é um advento da modernidade. Nesse contexto, o entrevistado falava sobre o princípio da colônia, quando ele pescava.

... quando eu comecei não existia, colônia. Era mesmo pegar as traíás e ir pro rio. Pronto, andar correndo ... na hora que dizer... lá vem o Ibama. “Nego” Colocava o saco nas costas e sumia dentro da Mata ... correndo!

... Mais ainda se lembro depois que surgiu a colônia de imperatriz, nois corria demais ainda.. com o saco nas costas. Pensando que essa carteirinha não valia nada. Aí depois. Que os homen perguntava: cadê o documento? aí apresentava os documento, Mais pegou muita carreira ainda... (Entrevistado 01 Itamar Rodrigues, 08/06/2022 10:00hs)

Para o atual presidente da Colônia de Pescadores Z-7, o pescador Marcondes Pereira de Sousa de Sousa Santos de 44 anos, o quarto presidente da instituição, a Colônia representa um marco na vida dos pescadores de Tocantinópolis. Sendo figura fundamental na luta por seus direitos, sendo pivô de grandes conquistas. Em sua fala, esclarece muito acerca da profissão pescador bem como das suas dificuldades cotidianas, assim como do rio e sua importância para os pescadores, além da função desta organização da sociedade civil e suas atribuições como instituição política:

... meu nome é Marcondes Pereira de Souza Santos sou neto e filho de pescador, né! A gente tem origem ... a minha família... aqui mesmo desta rua que fica a sede da Colônia dos Pescadores, hoje, aqui da Rua do Matador.

Meu avô morava aqui do lado, já morei aqui na minha infância. Isso quer dizer que a minha vida toda foi cercado. É .. no meio da pesca, né! A gente teve, fora de Tocantinópolis no período de dez anos, mas Após a gente retornou... né!

Ó pois a gente retorna! A gente se situa na rua na Rua Santo Antônio, no Alto Bonito, no bairro e na Rua - Santo Antônio no bairro Alto Bonito. A gente é... ficou lá... meu pai pescador antigo, ele resolveu tirar a carteira de pescador profissional, além de pedreiro que ele é... e pescador também! e sempre nas pescarias, né! a gente... eu acompanhava meu pai, mais eu, do que os meus irmãos. E a gente ... pescaria como a gente todo pescador fala, pescaria é amor. Não é uma profissão, é o amor, é o amor que a gente leva para a vida e para sustentar a própria família. É uma forma de vida..

A partir destes relatos, nota-se a necessidade de abordar sobre a história dos pescadores de Tocantinópolis, ouvindo suas narrativas orais e percebe-se os elementos constitutivos de uma construção coletiva que protagoniza o conjunto de movimentos sociais da região do Bico do Papagaio.

4. RELATOS E HISTÓRIA DE VIDA DOS PESCADORES DE TOCANTINÓPOLIS

O quarto capítulo trará uma análise das questões relacionadas ao pescador, seu modo de vida, tradição e pesca, além de elementos sobre os impactos sociais e ambientais da UHE-Estreito, que vem a ser demandas levantadas e analisadas pelos próprios pescadores(as) entrevistados(as), é aqui compreendida como uma análise acerca da educação ambiental e popular. Ressalto que todas as falas aqui apresentadas são dos interlocutores(as) entrevistados (as). Nesse sentido as falas são as suas expressões pessoais próprias trazidas e analisadas no contexto desse trabalho.

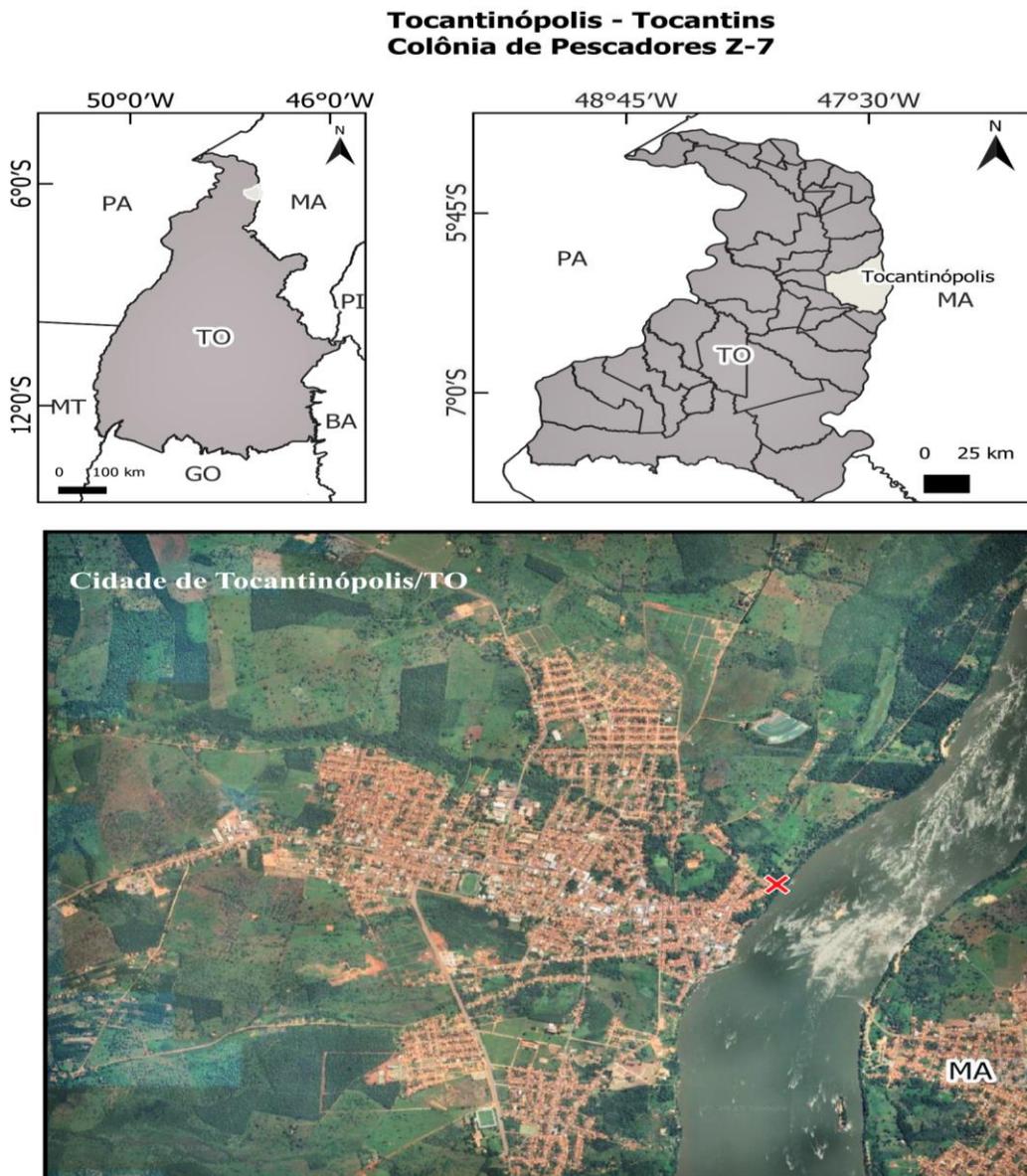
Neste capítulo também são tecidos os resultados do trabalho, relacionando os objetivos identificados, assim como sua hipótese, bem como os resultados alcançados. E nas considerações finais são ainda propostas possibilidades de continuação da pesquisa desenvolvida, a partir das experiências adquiridas com a execução deste trabalho de conclusão de curso.

4.1. A Questão Ambiental, o Pescador e a UHE – Estreito

Tocantinópolis é um município brasileiro, localizado na região norte no estado do Tocantins, historicamente conhecida como bico do papagaio. Conceituando a história do estado, observa que a província de Goiás fra elevada à essa categoria após o desmembramento da província de Goiás (Goiaz), e nesse contexto, o deputado da Província de Goiás, Visconde de Taunay, propôs em 1863 a criação da Província da Boa Vista do Tocantins, com capital em Boa Vista do Tocantins (hoje Tocantinópolis). O município de Tocantinópolis, fica situado na região norte do Estado do Tocantins, no “Bico do Papagaio” a margem do rio Tocantins. Na divisa como o Estado do Maranhão.

O município está inserido no bioma Amazônia, na região do médio Tocantins. Em 2022, a população era de 22.619 (2010) e 22.615 (2022) habitantes e a densidade demográfica era de 20,87 (hab/km²) habitantes por quilômetro quadrado, (IBGE, 2022). A Figura 1 apresenta a localização do município de Tocantinópolis – TO, que encontra-se localizada na região do Bico do Papagaio, assim como da Colônia de Pescadores Z-7 em Tocantinópolis.

Figura 5: Localização do município de Tocantinópolis, Tocantins, e da Colônia de Pescadores Z-7 - lócus da pesquisa



A cidade está situada no Bico do Papagaio e possui segundo o (IBGE, 2022) 223.786 habitantes. Tendo a cidade de Araguatins como a mais populosa com 31.918 habitantes, seguida de Tocantinópolis com 22.615 habitantes e Augustinópolis com 17.484 habitantes completando

com as três cidades mais populosas da região e conseqüentemente as mais ricas e mais antigas. Da mesma forma os menores municípios da região do Bico são: Cachoeirinha com 1.961 habitantes, Santa Terezinha com 2.406 habitantes e Luzinópolis com 2.717 habitantes.

Tocantinópolis é cidade muito rica tanto no contexto histórico, quanto em recursos naturais, tendo o rio Tocantins, e seus afluentes, como base de subsistência de seus moradores. Embora com o processo de expansão e crescimento do município, o hábito da pesca sempre foi tão comum entre os seus moradores, de forma costumeira. E esta foi bastante afetada após a implantação da Usina Hidrelétrica de Estreito, em fevereiro de 2007 e inaugurada em 17 de outubro de 2012. Com capacidade de 5.400 x 106 m³, uma área inundada de 400 km e vida útil de mais de 100 anos, a UHE de Estreito possui uma estrutura moderna, está localizada a 855 km da foz, no Rio Tocantins, sub-bacia do Tocantins, Bacia Amazônica.

O município situado na margem direita do rio Tocantins é Estreito (MA), e os Municípios a margem esquerda são Aguiarnópolis (TO) e Palmeiras do Tocantins (TO). Com interferência nos municípios de: Estreito e Carolina (MA), Aguiarnópolis, Babaçulândia, Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Goiatins, Itapiratins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins, Tupiratins (TO) (CESTE, 2022)¹⁶.

A partir de sua implantação (conforme imagens no anexo C) iniciou-se um dilema, que seria conhecer quais seriam os impactos que esta construção causaria ao meio ambiente em Tocantinópolis, principalmente saber o quanto de peixe do rio Tocantins seria afetado, assim como a vida dos seus pescadores e ribeirinhos.

Figura 6 – Imagem da UHE – Estreito (ver anexo A).



Fonte: UHE.

Identificou-se por esta pesquisa, através das narrativas orais dos pescadores ouvidos,

¹⁶ Informações presentes no Portal, <https://www.uhe-estreito.com.br/o-empendimento/a-usina.html>

que os danos causados ao meio ambiente, foi enorme, com vasto prejuízo à fauna e flora do rio, e grande mortandade de peixes, na Jusante (parte de baixo da Usina). Abaixo algumas fotos e demais materiais da época sobre a questão da mortandade de peixes, no rio Tocantins, um dilema para todos os pescadores. A ação da colônia foi imediata, porém não ressoou muito, como todos os outros movimentos sociais nesse âmbito de atuação. Se silencia devido ao poder das grandes corporações, pois o estado deixa de atuar.

A mortandade dos peixes no rio Tocantins, foi matéria em vários veículos de comunicação. Mostrando e denunciando o consórcio responsável pela UHE o CESTE como principal responsável pela morte dos peixes. A seguir algumas imagens e links de conteúdos produzidos após denúncia dos pescadores, em especial da colônia de pescadores na pessoa do presidente João Haroldo Gomes. Algumas imagens, colhidas em acervo da colônia de pescadores, são impactantes. Outras colhidas em reportagens em sites de notícias. Assim, é fundamental observar a formalização de denúncia feita pelo Apinajés. Através da Associação PEMPXÀ, via Ofício nº 012/2011.

“À 6ª Câmara de Revisão do Ministério Público Federal – MPF/Brasília-DF
Ao Ministério Público Federal no Estado do Tocantins/Palmas-TO.
À Fundação Nacional do Índio – FUNAI. Coordenação de Palmas-TO. Com cópia para a imprensa e organizações da sociedade civil que defendem os direitos indígenas e a preservação ambiental.” [Aldeia S. José, quarta-feira 30/03/2011.]

Figura 7 - Peixes mortos - Aterro da UHE.



Fonte: PEMPXÀ, 2011.

Figura 8 - Peixes mortos - Aterro da UHE.



Fonte: oeco.org.br

Figura 9 - Peixes mortos - rio Tocantins parte de baixo da Montante.



Fonte: COLÔNIA Z-7, 2013.

Peixes mortos no Rio Tocantins em 2013¹⁷. Estas são imagens coletadas de Sites, Jornalísticas. Que representam unicamente o retrato do pensamento da sociedade na época.

¹⁷ Links de busca das matérias jornalísticas sobre a mortandade dos peixes no rio Tocantins: <https://www.t1noticias.com.br/estado/pescadores-de-tocantinopolis-denunciam-mortandade-de-peixes-no-rio-tocantins/48273/> e <https://www.folhadobico.com.br/tocantinopolis-peixes-continuam-morrendo-pescadores-apontam-responsabilidade-do-cesto/>

Figura 10 - Peixes mortos - rio Tocantins parte de baixo da Montante.



Fonte: Colonia de Pescadores (T1 notícias)

Figura 11 - Peixes mortos - rio Tocantins parte de baixo da Montante.



Fonte: Folha do Bico

Ressalta-se que a temática ambiental é importantíssima nesse debate, pois o rio é parte fundamental da vida do pescador. Logo abaixo, alguns relatos sobre o sentimento do pescador em relação à violência sofrida através do impacto e da negação da sua cultura histórica. Dona Carmem Assunção Rodrigues (Dona Carmita), por exemplo, empresária com 78 anos, relata:

[...] depois veio essa barragem no rio Tocantins, que foi a tristeza, nossa tristeza aqui foi a barragem, porque a gente sabe que a barragem é um progresso, mas acabou com o nosso rio, com os peixes pros pescadores sobreviverem, né! eles sobrevivem da pesca! (Carmem Assunção, 10/06/2022)

Percebe-se em seu depoimento um profundo sentimento de alegria quando se fala do rio. Porém de muita tristeza quando se fala da Barragem sobre o rio Tocantins (UHE-Estreito).

Eu cheguei a chorar lá no Rio Tocantins quando eu fui ver, quando secou a primeira vez por causa dessa barragem. Eu via só aquelas pedras, né! e as águas procurando alguma aguazinha que saía, procurando o canal, que era pelo lado da santa, da Praia da Santa. E. Comentei. Eu comentei até com um rapaz também que estava pescando na hora. O que você está querendo encontrar ainda? Nessa lagoa, e ele disse não professora, eu. Eu estou querendo ver se eu consigo algum peixinho aqui, eita que é difícil para você. É preciso que tenha água. Pra poder criar peixe! Porque os peixes acabaram, né. O resto que tinha tá morrendo, tentando subir na barragem e não conseguia. O estreito fica muito perto daqui. (Carmem Assunção, 10/06/2022)

Figura 12 - Situação do Rio em 2017. Seca do Rio Tocantins após Fechaento das Comportas.



Fonte: Folha do Bico

Outros pescadores da mesma forma externalizaram o seu pesar pelo rio, ora não morto, mas doente, aleijado de suas funções de prover recursos para os peixes de outrora. Muitos relatam o rio desde a chamada cheia de 1980: “(...) *Outra coisa que abalou muito o pescador, a hidrelétrica...*” (Antônio Carlos Pereira dos Santos, popularmente conhecido como Paraguai, 2021). Paraguai, ao ser questionado sobre o que mudou ao longo dos anos, disse:

É o seguinte...

É que nem eu já...

falei no início da fala... Antes nossa região era muito rica de peixe. Mais essa hidrelétrica aí ela tem um impacto muito grande... para as associações ribeirinhas, as colônias, por que não foi só uma tonelada nem duas de peixe que foi flagrada. Dessa hidrelétrica aqui do estreito não.. ...

Hidrelétrica ... muitas pessoas se enganaram. Com essa hidrelétrica...há não esse hidrelétrica vai vi pra cá.. vai vim melhoria! Para a população, em termo de quê? Melhoria aonde? Não, vai gerar uma energia barata pra nois! Engano, não foi! O que ela causou muito, um impacto muito grande, na natureza. No nosso pescado, no nosso pão de cada dia! O que que acontece, lá não morreu não foi só uma tonelada, nem duas de peixe não...lá foram varias, varias toneladas...

Eles, (CESTE) panhavam, altas madrugadas. Porque os pescador tavam querendo filmar, algumas coisas pra jogar na mídia. Inclusive algumas vezes foram feito isso! O que que acontece... agente jogou, prova, muita prova, a colônia botou o Ceste na Justiça. Mais como o pescador, é uma classe sem conhecimento, o pescador não ganhou nada... nada de indenização... veio muito foi danos pra nós, ai morreu toda a espécie de peixe que você possa imaginar, discia, aqui.. o jáu, a branquinha, a piabinha, aquele miguelim, piabanha, caranha, pacú manteiga, .. resumindo... toda a espécie que existe no nosso rio Tocantins. O impacto foi grande!

O que que eles falam, o pescador acaba com o pescado! O pescador não acaba com o pescado, o pescador pega o básico. Pra famia dele e pra população da cidade. Pescador não mata, toneladas e tonelada de peixe não. O pescador só pega o que vi consumir... (Paraguai, 2022)

Uma fala forte sobre a realidade do pescador. Este que sai de sua casa em busca de alimento para pôr na mesa de sua família. E de todas as famílias que não pescam, porém

consomem o pescado. Segundo ele, o peixe é o alimento mais nobre a ser posto na mesa do rico ou do pobre, classe média ou alta de uma cidade e/ou região. Relata que é um trabalho árduo, perigoso, e muito gratificante. Porém que a cada dia que passa fica mais difícil conseguir peixe em quantidade e tamanho ideal para abastecer o mercado, pois a UHE e sua existência provocou o desaparecimento de diversas espécies de plantas e animais aquáticos.

O presidente da Colônia de Pescadores Z-7 manifestou seu pensamento sobre a UHE em nossa entrevista. Este se posiciona não tão somente em relação a mortandade de peixes como também em relação aos pescadores. Nesse sentido podemos perceber possíveis problemas sociais ocasionados em consequência deste cenário. Segundo ele, as indenizações nunca saíram, e que para o governo e consórcio não houve impacto nenhum com a construção da UHE na parte de baixo – Jusante – da Hidrelétrica.

[...] depois que foi feita essa hidroelétrica o pescador sabe mais, na verdade o pescador já tem que se adaptar com as leis da natureza, e agora o pescador tem que se adaptar às ações do homem. Que é as oscilações do rio... que é responsável é responsável pela hidrelétrica da usina de estreito UHE estreito. Porque de dia o nível é um, de noite é outro! (Marcondes, 2022)

Segundo o Presidente Marcondes, os pescadores em Tocantinópolis nenhum foi indenizado, já os indígenas da nação Apinajé, no desembocar do ribeirão Butíca, estes receberam uma indenização por impactos. Segundo ele uma grande injustiça para com o pescador ribeirinho de Tocantinópolis.

Os indígenas foram indenizados pelo impacto da barragem aqui embaixo... engraçado... os indígenas que ficam lá embaixo foram indenizados pelo impacto da barragem, e o pescador... parece que o rio tomou outra direção deu um corte por fora e foi só para área indígena. (Marcondes, 2022)

Ao questionar sobre o que mudou no rio? Durante esse tempo com a UHE? Relatou:

O rio mudou, mudou muito, até as margens do rio mudou, os peixes também mudaram, o comportamento também, dos peixes mudaram. É por isso que eu falei anteriormente, o pescador tem que se adaptar a natureza, ele já estava acostumando a normalidade, ele sabia até a época de cada espécie de peixe ia sumir o cardume antes... e ele hoje ele não sabe. Agora ele tem que se adaptar a vontade humana... Porque hoje a oscilação do rio hoje é muito grande. Inclusive os equipamentos, a forma de pescar mudou. Antigamente, você botava sua redizinha, do jeito que botava ela amanhecia, hoje se você colocar sua rede, você não tem certeza que ela amanhece. (Marcondes, 2022).

Percebe-se em seu relato sobre a situação do pescador e do rio Tocantins, assim como as mudanças sofridas no rio e na forma de pescar são expressamente postas na fala do Presidente Marcondes e dos demais pescadores entrevistados nessa pesquisa, assim abrindo um leque de questionamentos sobre a ação estatal como instrumento de intervenção e transformação de uma

determinada cultura, no caso a dos pescadores (as) de Tocantinópolis e demais cidades ribeirinhas a margem do rio. Nesse sentido,

O entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos e entraves vividos pelos sujeitos em diferentes contextos. (Souza, 2006, p. 24).

4.2. Relatos de pescadores e pescadoras - Colonia de Pescadores Z-7

Seguindo a nossa linha de entrevista situamos a fala do senhor **Manoel Pereira de Souza**, conhecido popularmente como peixeiro. Ele é pescador e membro da diretoria executiva da Colônia de Pescadores, reconhecido como um dos mais antigos membros. Ele nos traz elementos de relevância acerca do funcionamento da Colônia como Organização da Sociedade Civil.

Apresentação:

Eu sou **Manoel Pereira de Souza**... no popular, sou peixeiro ... sou pescador profissional na área desde de carteira desde 1999... mais perto de criança, tá. carteira só de 99 para cá hoje ocupam cargo aqui na colônia né... sou segundo secretário na chapa... tema de pescaria eu iniciei a minha pescaria quando criança ainda com meus tios porque eu nasci no mar indígena, hoje é uma área indígena né... lá era de dono antes e nas redes de pesca lá a maioria das pessoas de roça e pesca tá.... então eu aprendi pescar muito cedo...infelizmente a gente lá não tinha muitas condições né... a sobrevivência nossa essa era essa era peixe só... (2022)

Como que você começou a fazer parte da colônia? Há quanto tempo você está na colônia? Quanto tempo dura um período de uma eleição para outra?

Eu faço parte da instituição dessa época que eu fiz a carteirinha né! que a partir do momento que você fizer a carteirinha, você tá fazendo parte do grupo da instituição. você tem a carteira de pescador e tem uma carteirinha de sócio, né! ...tem muitos anos, já.. que não falei desde 99 que tenho essa parceria essa sociedade aqui.. aí veja bem, na diretoria eu tenho duas passagem... uma eu fui suplente de secretário e de conselho fiscal, fui suplente de conselho fiscal na época do falecido Haroldo... mas como eu era suplente, não precisava tá aqui diretamente, sabe eu só compôs a chapa só para ter a chapa para registrar na época da eleição... aí quando vencer o período que são três anos né! ouvi outra eleição eu sai fora.. eu não fiquei ... mas fiquei como sócio da instituição... de lá para cá sempre ajudando falecido Haroldo que a gente viajava muito para várias reunião...

...como eu citei para vocês, nem todo mundo gosta de falar, de se apresentar...E aí a gente sobressai, nessa época, entendeu porque como os outros não queria a gente tinha que ir, era obrigatório, naquela época tinha várias reunião para fora [...]
quanto a eleição se procurou, eleição aqui o período de eleição aqui é 3 anos uma gestão ... aí ele faz a convocação né... de novo a eleição se monta uma chapa... quem quer concorrer... e se não... aí vai para uma assembleia geral né... aclamação... (Manoel P, 2022)

Qual é a atuação da Colônia, no período da Piracema?

Colônia ela, ela, ela tem que dá colônia é dar entrada no seguro defeso do pescador tá. esse é o nosso trabalho!
 ...no período de Piracema mas tem o direito de um salário mensal são 4 meses de Piracema e é a instituição que faz esse trabalho tá!
 Para que o pescador não vá pro rio pescar... o governo na verdade o governo dá esse dinheiro não é que protegendo o pescador, é muito pelo contrário, o povo imagina, há o governo tá ajudando... não, faz isso eles fazem isso é simplesmente protegendo a natureza, para você não ir lá, para não explora, para não tá. para não pegar o peixe na época da piracema, por causa da desova. então tem outros fatores né, como você procurou o que significa colônia para um pescador? no caso de doença, pescador tem o mesmo direito né ele pode se encostar, em caso de receber o auxílio, maternidade, no caso a pescadora tem direito ao auxílio maternidade. também, a colônia fundamental nesse papel...
 ...que mais, aposentadoria, a colônia também faz essa essa, essa atividade a colônia é que dá entrada na aposentadoria dos pescadores....
 ... aí se por acaso eu não tiver boa carência ...o pescador ele tem 15 anos, 15 anos de carência para poder se aposentar com 60 anos de idade do homem e a mulher 55 ... (Manoel P, 2022)

Fale um pouquinho sobre os tipos de barcos que vocês têm? Como vocês conseguem e quanto custam os barcos?

No início a gente trabalhava com canoa de madeira, canoa de madeira é ficou muito difícil para nós, porque como foi proibido a madeira né. Hoje é muito escasso é difícil demais para fumar Tábua. aí surgiu a canoa de chapa... Imperatriz aí ele faz muito negócio de chapa... a canoa de chapa dura muito também, na água... aí agora nós conseguimos a canoa de alumínio... Uma canoa de madeira hoje no valor dela hoje, ela tá aí o valor de 2.500... 2.800 uma canoa de madeira, assim dependendo do tamanho ela até 7 Metros, ela vai chegar esse valor, canoa de madeira, muito difícil de conseguir... achar, mas vai estar nesse valor... a canoa de Chapa Ela tem um outro valor eu vejo aqui tem poucas de chapa.... mas ela vai chegar em um torno de uns 8.000, carrinho, finalizar ela. pode chegar até nesse valor de 8.000 dependendo do tamanho.... a nossa Canoa de alumínio, quando eu comprei a minha por 5.300 tem muito tempo já hoje ela ta no valor de 14.500 14.800 por aí. de 7 metros... tem, agora nós temos uma coisa muito boa que o governo fez, para o pescador, que é PRONAF¹⁸... que aqueles que não tem dinheiro para comprar na hora, faz o PRONAF, pega aquele empréstimo compra a canoa e fica pagando... O presidente hoje da instituição hoje tá correndo atrás, e tentar ver se nós contempla, aí... pelo menos 80 não sei... 100 pescador nesse programa [...] (Manoel P, 2022)

Aqui, percebe-se a importância do trabalho de campo para a formação acadêmica e principalmente para garantir a preservação da memória de muitos cujo não tem a possibilidade de contar a sua história, além recolher evidências físicas, como objetos, fotografias, documentos, cujo serão preservados juntamente com a histórias de vidas. Assim, seguindo a linha de entrevistas. Continuamos com o presidente da Colônia falando sobre a entidade e sua importância para o associado.

A colônia:

¹⁸ PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/pronaf#>

Como que você começou a ser fazer parte da colônia?

... O período que eu entrei na pesca em 2010, com a carteira o RGP, presidente era o finado Haroldo, nesse período eu sempre mais meu pai, meu pai se aposentou aqui como pescador. E num determinado período que eu estava na faculdade o Haroldo me Convidou pra fazer parte da diretoria, da colônia de Pescadores. Aí eu aceitei e ele e colocou como primeiro (1º) Secretário. Onde eu fiquei com ele por três mandatos. Antes do falecimento dele. E após o falecimento dele ... o vice dele assumiu que é José María, era lá de Maurilândia. E .. era parente dele se não me engano era primo. E aí a gente não concordava, com algumas ideias dele, como ele condizia a colônia.... Agente sempre teve, umas ideias novas pra colônia. Umas ideias mais revolucionarias para mudar a ideia da colônia, dá uma identidade pra colônia, mostrar o pescador para a sociedade, onde a gente sabe que o pescador é muito discriminado. Aí eu resolvi me candidatar a presidente... quando eu fui ser candidato a presidente, até sorri do pexero, falei pro pexero, pexero vou ser candidato a presidente da colônia dos pescadores, e o pexero perguntou, tu tem coragem? Eu falei, moço que eu vou... eu tenho coragem, tô perguntando se tu tem coragem de me acompanhar.

Ai agente sentou e agente conseguiu fazer um grupo, né.. aonde é muito difícil agente formar um grupo numa entidade, da colônia, porque o pessoal, alguns mandatos atrás, de forma muito repressora... Deixava o pescador com medo de participar de um grupo, com medo de entrar em debate com outro, né. Com medo de alguma retaliação no caso se perdesse a eleição.

E assim a gente conseguiu montar um grupo. Muito difícil, não foi fácil. A gente conseguiu, é.. registra a candidatura da nossa chapa, no último dia, por causa que tentaram dificultar ao máximo. Agente foi em Palmas, depois em Araguaianã, atrás do presidente da federação, para realmente ver ele registrando, a chapa. (Marcondes, 2022)

Porque o pescador deve se filiar à colônia?

O pescador deve se filiar a colônia, porque é uma entidade legítima. É uma entidade que dá direitos pro pescador e dos deveres, e leva benefícios pro pescador. Dentro da colônia agente cuida da vida do pescador.

Hoje eu digo com autoridade como presidente da instituição. Que hoje agente cuida do pescador. Como agente cuida do pescador? Tanto administrativamente. Como documentação dele, aposentadoria dele, auxílio doença... mulheres é... agente da entrada no auxílio maternidade. Aposentadoria dos pescadores, agente consegui da entrada por aqui, agente cuida da vida previdenciária do pescador, esses benefícios.

Agente trata o pescador daqui como uma família... se não existisse as colônias, não existiria os direitos que os pescadores tem hoje, porque não existia ninguém para lutar por eles...

Existe um projeto de lei, tramitando. Que é para ele entrar em vigor no próximo ano. Que é para levar os direitos todos dos pescadores para os municípios. [...] aqui na colônia ninguém obriga ninguém a votar em ninguém não. Todo pescador precisa da colônia. (os movimentos sociais são feitos por grupos de pessoas) ... Nossa classe a maioria, são analfabetos ou semianalfabetos... o pescador é humilde. (Marcondes, 2022)

Como a colônia, enquanto instituição, analisa a situação dos pescadores?

... acho que o governo cada vez mais, anda procurando cada vez mais prejudicar quem anda prejudicado. Um povo sofredor, que sai nesse rio aí... lutando pela sua sobrevivência, sobrevivência da sua família, dá uma condição básica para o seu filho quando chegar na escola. ter o que comer, ter uma energia. Ter um lar. Adequado para ele. Ter um lar adequado. E aí agente ver todo os esforços do pai de família ir pro rio, arriscar sua vida... para muitos pescar é lazer, para o pescador, artesanal profissional é necessidade. Apesar que é prazerosa mais é necessidade. O pescador quando sai daqui ele gasta ...o gasto dele é bastante grande. Principalmente - Gasolina, gelo, ele

tem que levar o mantimento para ele levar que é o arroz o óleo, tomate, cebola, o básico para ele se alimentar lá no rio. E ele vai ... agente sabe que o rio é igual garimpo. Às vezes você pega...sai de lá satisfeito, pega uma quantidade enorme de peixe de primeira... e as vezes você vai e você não dá sorte. (Marcondes, 2022)

Aqui a fala do presidente, como líder de uma entidade representativa desta categoria profissional, deixa aflorar a militância e apresenta um posicionamento crítico acerca das questões políticas e sociais relacionados às atividades de pesca artesanal, que muitas vezes são associadas a uma ausência de escolaridade e a um desprestígio social: ou seja, paira a ideia, a saber, de que as pessoas que seguem sendo pescadoras são aquelas que não conseguiram obter outras oportunidades de carreira.

4.3. A Formação do Pescador: uma relação educativa na pesca

Na hipótese apresentada na parte introdutória deste trabalho, estabelecemos uma conexão cultural e educativa da pesca no universo do pescador. Para tanto iniciamos esse diálogo com partes da entrevista em que são apresentados os elementos principais dessa análise, na perspectiva de fortalecimento desse diálogo, pois segundo o nosso entendimento existe uma questão geracional em foco. Reportando uma atenção especial ao *ofício do pescador*, passado de geração a geração, pai para filho, irmão para irmão, tio para sobrinho, do mais velho para o mais jovem e assim por diante. Sempre, uma geração mais velha encaminhando ou repassando o ofício para outra geração mais nova.

Porém, não é simplesmente uma questão de geração, mas também, da mesma forma um estilo de vida próprio. Além de um sentimento mútuo, surgido a partir dessa consciência coletiva enquanto categoria profissional da pesca artesanal, compartilhado pelos pescadores e pescadoras ribeirinhos de Tocantinópolis. Trata-se de uma cultura com símbolos e características próprias, específico dessa comunidade repassar saberes ligados à pescaria a partir de seus vínculos familiares. As formas orais e visuais de transmissão desses conhecimentos constitui relações de ensino e de aprendizagem que ocorrem fora dos ambientes escolares.

Nesse sentido, não existe pescador no rio, nenhuma cultura de pesca, nenhuma construção social a partir da pesca, do pescador, do pescador. Nesse caso vale ressaltar o conceito de cultura, do ponto de vista das ciências sociais, pois este conceito é de crucial importância para a compreensão do objeto em questão. Penso que compreender a tradição, os rituais, os símbolos que estão presentes na atividade da pesca é importante para dar ao pesquisador a base necessária a esse entendimento. Nesse caso, observamos quando falamos de cultura em sua natureza sociológica, que esta representa *um conjunto de saberes e tradições de*

um determinado povo.

Segundo Durkheim (2010),

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; ela é, por definição, difusa em toda a extensão da sociedade, mas tem, ainda assim, características específicas que fazem dela uma realidade distinta. De fato ela é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram: eles passam, ela permanece. ... Ela é, pois, bem diferente das consciências particulares, conquanto só seja realizada nos indivíduos. Ela é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, do mesmo modo que os tipos individuais, muito embora de outra maneira. (Durkheim, 2010, p. 50)

Essa compreensão de consciência coletiva, de compreensão do todo e das partes não tão somente Cultura de forma macro, mas, culturas como diversidade. Sua compreensão teórica e suas várias perspectivas, não fazem parte desse estudo. Me aproprio aqui da ideia de Cultura segundo Geertz (1989), assumo uma perspectiva de compreensão da cultura a partir dos símbolos, “*essencialmente semióticos*”. Nas palavras do autor:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, á procura do significado. (Geertz, 1989, p. 15)

Ressalta-se que a história oral é fundamental para este trabalho pois, suas perspectivas e olhares do ponto de vista do contar histórias, sobre a vida do pescador, levando a um ponto de convergência entre o objeto pesquisado e vida do pescador, construindo elementos e argumentos a partir da memória dos (as) entrevistados (as), usando como base a história de vida, assim como a cultura dessa comunidade e das demais culturas envolvidas. As relações interétnicas e de poder. Não é simplesmente *transcrever a história*, mas, remeter ao fato principal que é compreender e expressar em palavras concretas o sentimento real do pesquisado, pois compreender a cultura do pecedor é compreender o sentimento do pescador, com o rio e os demais pescadores a sua volta. Nesse sentido:

Nas áreas das Ciências Sociais as pesquisas com história de vida têm utilizado terminologias diferentes e, embora considerem os aspectos metodológicos e teóricos que as distinguem como constituintes da abordagem biográfica que utiliza fontes orais delimitam-se na perspectiva da História Oral. Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica História Oral. (Souza, 2003 p.23)

Para tanto, iniciaremos nossa jornada pela memória dos pescadores e pescadoras,

demonstrando a sua relação com o rio Tocantins, a colônia de pescadores, retratando o pertencimento deles a essa comunidade, esta cultura cheia de significados. Iniciamos perguntando a eles, “O que o rio representa para você?”

É vida, salva vida!... esse rio aí salva vida, ele produz alimentos, fonte de vida. (Marcondes, 2022)

O rio ele é tudo para mim! Abaixo de Deus e de minha família. O rio ele é tudo pra mim. É da donde eu tiro o sustento da minha família. É Dalí de dentro, do rio Tocantins. (Paraguai, 2022)

O Rio representa tudo! não só pra mim, mas para todos os moradores daqui, principalmente as pessoas que moram, os ribeirinhos e que moram ali perto do rio e que vivem da pesca. O rio é tudo! (Carmem Assunção, 10/06/2022)

O sentimento aqui está para além da motivação do questionamento. Apresenta ou evidencia uma relação de intimidade. De proximidade. De afeição. Percebemos uma relação geracional que se constrói por conexão direta com o elemento em questão: **o Rio**. Pura e simplesmente pela prática da pesca. Assim, as respostas nos levaram a uma segunda questão, “O que a pesca representa para você?”:

... a pesca hoje pra mim representa... é tudo! porque pesquei a vida toda, criei a família toda pescando... a pesca para nós é tudo, para mim! o que eu tenho hoje veio da pesca (Manoel P, 2022)

Ela é tudo! A pesca pra mim ela representa tudo! A pesca é o seguinte você tem passagem boa, mais também você tem passagem ruim pela pesca. (Paraguai, 2022)

Meu sustento! o que a pesca representa para mim é meu sustento...eu vivo do rio... Dependo do rio, se se o rio se acabar. O peixe... Aí acabou o homem também. (Itamar, 2022)

A conexão do pescador com o rio se estabelece a partir da pesca. O vínculo é estabelecido através da pesca. Pois a pesca representa mais do que o sustento. A pesca representa um modo de vida de homens e mulheres que escolheram a pesca como modo de sobrevivência. Não só uma sobrevivência alimentar mais de preservação e resiliência cultural, onde se aprende e se repassa o conhecimento do ofício da pesca, como também de onde se deve pescar, quando e como se pesca no rio Tocantins. Portanto, percebemos quando questionamos sobre os saberes do pescador, foi notório que a forma pela qual esse saber é adquirido traz especificidades. Daí emerge a questão de prática educativa na pesca: “E como você aprendeu a pescar?”

Eu aprendi com meu tio... a família já era de pescadores né! a muitos anos e aí, eu ia pequenininho no meio da canoa e aí fui aprendendo a atividade com eles... não tinha profissão, não tinha. Outra profissão naquela época, para nós, era roça e pesca ... com um estudo muito pouco, não tinha condições de arrumar um emprego melhor fora, na

cidade, que a gente tava morando no mato né. então aonde que a solução para nós era pesca, não tinha outro tá... então foi assim... e aí vim para cidade, onde moro aqui na cidade que a gente saiu do da roça, a gente saiu da roça em 90, vim para cá, eu sou filho daqui, vim para Cidade, mas continuei na pesca. tô até hoje. (Manoel P, 2022)

... meu pai pescador antigo, ele resolveu tirar a carteira de pescador profissional, além de pedreiro que ele é... e pescador também! ... e sempre nas pescarias, né! a gente... eu acompanhava meu pai, mais eu, do que os meus irmãos. E a gente ... pescaria como a gente todo pescador fala, pescaria é amor. Não é uma profissão, é o amor, é o amor que a gente leva para a vida e para sustentar a própria família. É uma forma de vida... (Marcondes, 2022)

... rapaz eu aprendi com o mais velhos! Quando eu comecei pescar, eu descia lá pra baixo, eles ficava lá num lugar lá fazendo as redinha dentro do rio, aí eu chegava e pedia ele pra me ensinar, ia fazendo, e eles me ensinava, olha ai Itamar vem fazer aqui ó ... ai eu fui aprendendo com eles, é conhecimento passado dos mais vei. (Itamar, 2022)

Nesse sentido percebe-se o modo em que o conhecimento é apreendido e/ou repassado para o outro de forma *livre e aprimorado* devido o tempo, a labuta do próprio pescador, assim como os impactos sofridos e causados pela natureza e pelo homem no decorrer do tempo. Essa geração apreendeu com uma geração de um rio mais “*Bravo*” ou pouco explorado, que corria livre pelas planícies, conforme relatado a seguir:

O filho do pescador aprende a pescar com o próprio pescador, que era o pai ou o avô, não é ... Que aqui tinha os antigos pescadores, tinha o seu *Inácio*, pescador, tinha o *Louro* que faleceu agora poucos dias. É chamado de *Lorão*. E a família do senhor *Inácio*. Todos eram pescadores. Até a esposa dele pescava, né... porque ela vinha toda a vida no remo e ele, jogando naquela rede, jogando a tarrafa. Pois é, o pescador com os próprios pais. Repassando e os outros iam chegando também. Sem e sem estudo, sem. Não é. quase analfabetos, mas que tinham aquele trabalho de pescar aqui, que aprendi a pescar. (Carmem Assunção, 10/06/2022)

Aqui percebe-se a questão educativa. Geracional. O repasse do ofício da pesca. Assim como observa-se em determinadas falas o ofício a partir do ponto de vista da mulher do pescador que também é pescadora. Nesse sentido podemos ressaltar as trocas de saberes onde tanto o homem não só ensina como também aprende com sua esposa, técnicas de aprimoramento do ofício da pesca. Como exemplo, dona Deuzélia Pereira Cavalcante, casada a mais de 20 anos, com o senhor Antônio Carlos (Paraguai) onde a mesma apresenta elementos sobre a questão educativa.

Assim, agente mora juntos vai fazer 21 anos quando eu cheguei para cá, eu já fazia o quê? Já tinha uma parte de pesca porque eu sabia fazer as trais, as redes, tarrafas, essas coisinhas. Sim vida de esposa de pescador não é fácil não como o povo acha, porque como vocês já tão sabendo, as vezes vai e é feliz na pescaria outras vezes não! E assim a minha parte pra ajudar ele, eu ajudo com a questão das tralhas, que como eu já sabia como fazer, passei essa parte para ele... aí agente combina, eu faço um pouco ele também e assim agente vai passando...

Dona Raimunda Rodrigues da Silva de 70 anos, moradora de Tocantinópolis,

pescadora e esposa de pescador nos relata como ela aprendeu o ofício da pesca:

Eu aprendi a pescar no ano que eu casei... o marido já era pescador... aí eu comecei a vida mais ele... de pescaria. Mais eu não morava em beira de rio... eu morava longe de rio, que eu tinha até medo de água...

Embora seja evidente em outras falas. Outros tipos de saberes, como os tipos de linha, o anzol, a produção da tarrafa, da rede, assim como os locais de pesca. Para os pescadores e pescadoras de Tocantinópolis, os principais pontos da pesca aqui são: a cachoeira da santana, Tourí, Papaconha, As Três Barras, Croá, Butica, Itaguatins. Mas, dentre todas essas áreas, as mais ricas de peixes são as áreas indígenas, são onde os peixes procuram desovar. Onde o pescador artesanal filiado (no caso do não indígena) não pode ir. Não pode pescar devido a demarcação da terra Indígena Apinajé¹⁹.

... na botica. É um ribeirão. Ele é indígena. Ele é todo dentro da área indígena. Mas lá é de baixão. É onde na época da desova dos peixes nessa região nossa aqui é onde os peixes dessa região nossa aqui desova é nos baixão da butica, tendeu? Lá é muito rico de peixe... muito rico de peixe... mas nós não podemos entrar lá... que se nós for flagrado dentro... pegado lá dentro... pra eles pegar nós... leva nossa navegação... com traía tudo... Deixa a roupa do corpo. nós não adquire mais ela de volta não ... Aí pra nós não correr o risco de pegar esse grande lucro... não entrar na área deles. Sim.. (Paraguai, 2022)

Nesse contexto, observamos uma questão importante: o pescador sabe onde deve pescar. Compreende o rio, a oscilação das águas, seus afluentes e suas várzeas. São saberes apreendidos no processo de formação do pescador em contato com outros pescadores, no princípio de suas atividades pesqueiras. Pois como no relato do pescador acima, esse conhecimento como ele mesmo colocou, foi o que ele aprendeu. Percebemos aqui de forma intrínseca a geracionalidade, os saberes ocultamente se apresentam de forma simbólica, em gestões e ações do cotidiano.

Conforme a fala do senhor Itamar, que aprendeu com os mais velhos o ofício, foram descritas diferenças nas ferramentas usadas antigamente e atualmente:

Itamar qual era a forma que vocês faziam para pescar naquela época? Como conseguir rede, tarrafa essas coisas?

[...] rapaz a tarrafa nois comprava a linha mesmo e ia fazendo, a tarrafa e rede....aqui não existia esse negócio de manda de manga de rende pra cá não tinha negócio de manga de rede, não. Tinha só os carretel de linha! no comerciante ... que era o Petrônio, O seu Inácio, que era mais véi que eu, era novinho naquele tempo. Ele já era de idade. Eles pensavam com aquela linha ...fazia tarrafa, com aquelas Linha que

¹⁹ Fevereiro de 1985 – Decreto nº 95.960, declara e demarca a Terra Indígena Apinajé. Mais informações no link: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/to-territorio-apinaje-ameacado-por-projetos-hidretricos-do-plano-de-aceleracao-do-crescimento-pac/#:~:text=Cronologia%3A,demarca%20%20Terra%20Ind%C3%Adge na%20Apinaj%C3%A9>.

a mulher fia de algodão, fiava e fazia as tarrafa...pra jogar dentro d'água, pra ela afundar tem que pular em cima.
 ... mais tinha muito peixe naquele tempo, a depois quando eu comecei a pesca era na fibra mesmo, fazendo as redinha lá, tarrafa. Começava a pescar... não existia manga de rede...
 Quem fazia essa tralha para você?
 Eu mesmo. Eu que fazia minha traia de pescaria. Remendar, tudo, era Eu. Igual hoje né...

Nesse contexto, percebemos que apesar de os pescadores e pescadoras em sua maioria analfabetos, constroem uma relação de saberes que aprimorados no decorrer do tempo. Fazem deles exímios artesões, garantindo a estes a oportunidade de realizar seu ofício com maior êxito e rapidez. Nesse sentido percebemos uma carga de conhecimento técnico específico indispensável para geração de renda, e reprodução social dos grupos familiares. Estes por sua vez constroem laços e uma identidade, histórias que garante a sobrevivência cultural da pesca.

Portanto concluímos que as trajetórias de vida dos pescadores e pescadoras sujeitos desta pesquisa se entrelaçam com o espaço em que estão inseridos. O território material é da mesma forma o território imaterial no qual permeia os elementos de construção do saber, o reconhecimento e não pertencimento. Segundo de Silva²⁰ (2015) que discutiu a temática territorial elucidando a discussão sobre Território através de elementos teóricos e etimológicos sobre a conceituação de espaço. Entendendo ele que:

O espaço nada mais é que ... “a materialização da existência humana” (Fernandes, 2008, p. 3) é à base da construção das relações; seja sociais ou culturais ou propriamente de poder, é o espaço que faz homem. O homem se reconhece no seu espaço, através da tomada de consciência, dos conflitos relacionados à sua denominação enquanto “posseiro” e consecutivamente a luta pelo seu reconhecimento dentro de uma lógica capitalista e estatal enquanto parte do território.
 Portanto seria apropriado dizer que existe uma diferença entre espaço e território. O espaço é a concepção material do território, onde “o território é compreendido como espaço de uma nação, delimitado e regulado” (Saquet & Silva, 2008). Contudo, podemos dizer que território; por sua vez seria um conjunto de elementos (levando em consideração a cultura, as relações sociais e as relações de poder) reunidos em um determinado espaço. Segundo Fernandes (2008) “O espaço é organizado socialmente, com formas e funções definidas historicamente, pois se trata da morada do homem e do lugar de vida que precisa ser constantemente reorganizado” (Saquet & Silva 2008). (Silva, 2015, p. 19).

É sem dúvidas uma construção histórica e social de um coletivo de pessoas identificadas com uma atividade profissional, mas também com a defesa do seu próprio território, do qual dependem para a manutenção da sua pesca artesanal, consolidando uma cultura de pesca em comunidades em torno da encosta do Tocantins, na região norte no estado,

²⁰ Mestrando em Desenvolvimento Regional – PPGDR/UFT. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins/UFT. Pós-Graduado em Gestão e Organização do Trabalho Escolar pela Universidade Federal do Tocantins/UFT. Estudante de Graduação do Curso de Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Tocantins/UFT. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0805247096250941>

ante Goiás. Conseqüentemente, fica evidente que os impactos causados ao rio também impactaram os pescadores e pescadoras, assim como seu modo de vida, de subsistência.

A partir das narrativas dos que colaboraram para este estudo, ser pescador é cultivar o rio e tudo que há nele. Por essa razão, a morte dos peixes é resultante das mudanças no decorrer dos anos, devido uma série de eventos naturais com a cheia da década de 1980, retratados em suas falas como a maior cheia já vista no rio Tocantins por gerações. Podemos interpretar esse fato como algo de impacto simbólico na vida destes pescadores (as), moradores (as) que vivem à margem desse rio que, como muitos relataram, é sinônimo de vida, cultura e sobrevivência. Uma vez que boa parte dos relatos das pessoas entrevistadas trouxe esse episódio marcante, entendemos que esse acontecimento contribuiu para que a Colônia se organizasse também como movimento de educação popular, que busca mais educação para os pescadores e, enquanto organização da sociedade civil, promove eventos reeducadores, com rodas de conversa que versam sobre a importância da preservação do Meio Ambiente como um todo.

Concluimos, que há uma natureza educativa na constituição do pescador enquanto pescador. Que é passada de geração a geração segundo moldes da cultura da pesca, através das práticas populares onde há esse conhecimento, que traz muitos saberes sobre a ecologia da região do Bico do Papagaio, é transmitido oralmente através das gerações mais velhas para as mais jovens, dentro do que podemos classificar como um modo de educação informal. Pontuamos que os atores compreendem o cenário e buscam aprimorar-se cotidianamente, em uma relação mútua de troca de saberes.

Há uma noção de pertencimento e reconhecimento nesse espaço que para eles fora tomado, tirado deles pela construção da Usina Hidrelétrica de Estreito – UHE/CESTE. Que a colônia de Pescadores Z-7 é uma instituição de natureza representativa, política administrativa e organizacional que conduz todas as atividades relacionadas ao pescador (a), fundamental para a consolidação de um projeto de luta em prol da classe. E que o(s) impacto(s) social, cultural e ambiental foram incomensuráveis, afetando diretamente as atuais e futuras gerações de pescadores (as) no rio Tocantins em Tocantinópolis.

Portanto, é importante retratar que muitas pessoas se enganaram com a questão da construção da Usina Hidrelétrica de Estreito – UHE/CESTE, onde se tinha uma ideia de que esta traria desenvolvimento, porém, no entanto trouxe problemas sociais, econômicos e ambientais graves para a região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso estudo teve como objetivo compreender o universo do pescador ribeirinho em Tocantinópolis, Tocantins. Buscando a através de seus relatos, sua estória de vida apresentar um cenário real da cultura, da realidade social, demonstrando o ponto de vista destes atores acerca da Construção de UHE de Estreito. Onde observamos os relatos e acompanhamos a situação da mortandade de peixes no rio Tocantins.

Da mesma forma tivemos como proposta entender os pressupostos que levaram a criação e consolidação da Colônia de Pescadores Z-7 em Tocantinópolis e sua importância e função institucional para o pescador. Pontuamos que segundo relatos dos entrevistados, o senhor Pedro encanador, foi apontado como principal responsável pelo processo de criação da Colônia de Pescadores de Imperatriz – MA. Essa pessoa é segundo seu Itamar, o senhor Pedro é figura Notória para os pescadores de Tocantinópolis. Da mesma forma foi citado – que o deputado, Fabion Gomes, senhor Miroca e dona Carmita estes tidos como expoentes de apoio a Colônia de Pescadores de Tocantinópolis. Temos elementos para reiterar que os aspectos abordados neste trabalho têm um significativo rendimento para repensar as relações entre natureza e cultura na presente comunidade.

Portanto, observamos que a questão educativa da pesca, abordada neste trabalho, parte de um ponto de vista, onde a educação do pescador, está intrinsecamente relacionada ao ato da pesca, a prática da pesca, a subsistência, ao labor e a da mesma forma a necessidade. Nesse sentido podemos aferir que esse conhecimento não se constrói por acaso. Existe toda uma questão social por trás. A falta de oportunidades, que muitos não tiveram, como de estudar formalmente, que os levaram ao rio como uma espécie de tábua de salvação. O ofício da pesca se torna nesse cenário com o tempo um modo de vida e, em alguns momentos, também se torna prazeroso.

A ausência de fontes sobre o tema e ausência de debates sobre o tema nas escolas públicas da região trazem relevância para a pesquisa. Da mesma forma percebemos uma oportunidade de abrir novos horizontes no campo da pesquisa em Tocantinópolis -Tocantins. Abrindo várias possibilidades de explorar o tema, e outros relacionados aos ribeirinhos, pescadores e pescadoras, em todos os meandros que o cerca o seu modo de vida, os problemas sociais, a cultura, a política institucional e outro que pretendemos abordar futuramente.

Observamos que os impactos da Usina Hidrelétrica do município de Estreito, presente em muitos relatos das pescadoras e pescadores que colaboraram com esse estudo mobilizou a Colônia a se informar mais sobre o tema do Meio Ambiente e, nos dias de hoje, eles recebem

muitas turmas vindas de escolas e também já receberam turma de universitários para falar sobre esses temas, dentro de atividades escolares e não-escolares. Nesse sentido, a Colônia Z-7, apesar de suas dificuldades que a movem pela luta pelos seus direitos, também promove atividades de sensibilização no município, principalmente sobre o tema da Educação Ambiental.

Da mesma forma, a presente pesquisa viabiliza maior aproximação das universidades públicas à colônia Z-7, principalmente pelo caminho da extensão universitária, com a possibilidade de assessorias, redação de projetos de cadeia de valor, minicursos sobre educação ambiental, etc. assim como promoverá futuramente a confecção de recursos educacionais para ensino fundamental, médio e EJA para a própria colônia Z-7 (documentário, cartilhas, etc.) e para outras escolas, como nas que eu atuo. Pretendo dar continuidade, se possível, a essa parceria com os pescadores redigindo um novo projeto, dentro de Programas de pós graduação (*strictu sensu*) Mestrado, com temas vinculados à cultura e território que nos permitam compreender melhor a importância da pesca como fator econômico de geração de renda e reeducação da sociedade como um todo, no intuito de fortalecer a região do Bico do Papagaio.

Para finalizar afirmo que o nosso problema de pesquisa sobre a importância da pesca na vida e homens e mulheres ribeirinhos pertencentes a colônia de pescadores Z-7 foi respondido: pois há geracionalidade na pesca, há uma relação cultural do pescador com rio, há uma relação de ensino aprendizagem na cultura de pesca, há uma participação ativa das mulheres na formação e no labor da pesca. Assim como alcançar os objetivos do trabalho, cumprindo-os no que consiste a compreender a cultura dos pescadores, sobre a pesca, sobre a relação de formação do pescador no contexto da sua geracionalidade, e da mesma forma da compreensão do sua relação com o rio. Com relação a hipótese foi confirmada que realmente há uma geracionalidade na pesca. Onde saberes são repassados de pais e maes para filhos e filhas, assim como sobrinhos e netos. Ou seja, sempre dos mais velhos para os mais jovens.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V; FERNANDES, TM; FERREIRA, MM. (orgs). **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>
- CORREIA, Aldenora Alves. **Boa Vista de Padre João**. Tocantinópolis-Goiás, 1977.
- BESSA, Nelita Gonçalves Faria de; LUI, Jandislau José; OLIVEIRA, Sandro de. **Revista de Ciências Ambientais**, Canoas, v.5, n.2, p. 59 a 76, 2011. Disponível em: <https://svr-net15.unilasalle.edu.br/index.php/Rbca/article/view/262> Acesso em: 07 setembro 2022.
- BRANCO, Samantha Castelo. **História Oral: Reflexões Sobre Aplicações E Implicações**. Revista Novos Rumos Sociológicos | vol. 8, nº 13 | Jan/Jul/2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/18488> Acesso em: 07 setembro 2022.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2015.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. WMF Martins Fontes, São Paulo, 2010.
- FRANTZ, Walter. **Assiativismo, cooperativismo e economia solidária** – Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. – 162 p. (Coleção educação à distância. Série livro-texto).
- FEIX, R. A. **Educação Ambiental Escolar - Limitações e Possibilidades**. 2013. p.176. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Tocantins, Palmas – TO, 2013.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIL, Antônio. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Estud. av. [online]. 1989, vol.3, n.6, pp. 89-112. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06.pdf> . Acesso em: 06 setembro 2022.
- JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC-FGV, 2000. p.31-45.
- LACAPRA, D. Emile Durkheim: **sociologist and philosopher**. The Davies Group, Publishers, Colorado, USA, 2001.
- KHOURY, Yara Aun. Apresentação. In: PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 7-18.
- MANNHEIM, Karl (1982). “O problema sociológico das gerações” [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), Karl Mannheim: Sociologia, São Paulo, Ática, pp. 67-95.
- MARINHO, Suzana. **Entre a Fé e as Armas: Trabalhadores no contexto das revoltas de Boa Vista Norte de Goiás (1870-1930)**. 2013.

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro [Online]. **Revista de História**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. p. 191-203. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2850/285022045011.pdf>. Acesso em: 06 setembro 2022.
- MUYLAERT, Camila. Junqueira; SARUBBI JUNIOR, Vicente; ROLIM, Paulo Rogério; ROLIN NETO, Modesto Leite. REIS, Alberto Olavo Advincula. **A importância das narrativas em pesquisa qualitativa**. In: 3º Congresso Ibero-americano em investigación cualitativa, 2014, Badaroz. Libro de Actas de "3º Congresso Ibero-americano em investigación cualitativa", 2014. v. II. p. 101-105.
- OLIVEIRA, Alessandro Lemos de. **Educação ambiental na escola estadual Dr. Joaquim Pereira das Costa – Gurupi – TO**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Gurupí – Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciências Florestais e Ambientais, 2016. 98f.
- PALACÍN, Luís. **Coronelismo no extremo norte de Goiás: O padre João e as três revoluções de Boa Vista**. In: Segunda revolução de Boa Vista. São Paulo: Edições Loyola, 1990. (p. 91-179)
- PARENTE, Temis Gomes; SILVA JÚNIOR, Cícero Pereira da. **De estrada líquida à jazida energética: os sentidos do rio Tocantins na memória oral dos ribeirinhos**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 156 - 180, set./dez. 2019.
- PIMENTA, Selma. Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica do conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História 15. São Paulo, 1997.
- QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (Org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988, p. 14- 43.
- SILVA. Roberson Pereira Da, **Gestão e educação ambiental em Luzinópolis: um novo olhar sobre as concepções ambientais e a educação**. 2021. 27 f. Artigo (Especialização) Fundação Universidade Federal do Tocantins, Curso Especialização em Gestão e Organização do Trabalho Escolar, Campus de Tocantinópolis-TO. Disponível em: <http://umbu.uft.edu.br/handle/11612/4232> . Acesso em: 10 mar 2021.
- SILVA, Roberson Pereira da. **Poder Público e sociedade Civil: políticas públicas de desenvolvimento regional no Bico do Papagaio - embates e debates**. 2015. 58 f. Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, UFT, Tocantinópolis, 2015. Disponível no repositório da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2670> . Acesso em: 10 mar 2021.
- SILVA, V. L. da ; OLIVEIRA, O. M. B. A. . **O processo de industrialização do setor pesqueiro e a desestruturação da pesca artesanal no Brasil a partir do Código de Pesca de 1967**. Sequência (UFSC), v. 65, p. 329-357, 2012.
- SOUSA, H. L. Tudo é rio. Direção: Helen Lopes - Documentário Tudo é rio, Produção: **Gabiroba filmes** – 2022, tempo 1h14’29”. Brasil – TO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RBQJulQ0beU>. Acesso em: 10 mar 2021.
- SANTOS, Antônio. Raimundo. dos. **Metodologia Científica: a Construção do**

Conhecimento. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de, **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, M. F., MARQUES, E. E., MIRANDA, E. B., & ARAUJO, A. F. Do rio Tocantins a Hidrelétrica de Peixe Angical: os peixes e as pescarias na memória dos pescadores. **Revista Interface**. Porto Nacional, 12(12), 2017, p.119–134. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/interface/article/view/236> Acesso em: 10 mar 2021.

STRECK, Danilo R. **A educação popular e a (re) construção do público: há fogo sob as brasas?** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, pág. 272-284, agosto de 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar 2021.

Mesquita. João Lara, <https://marsemfim.com.br/uma-breve-historia-da-pesca-saiba-como-comecou/>. 2020. Acesso em 20 de Junho de 2022.

Marinho. Leilane, **Peixes morrem na UHE de Estreito**.<https://oeco.org.br/salada-verde/24931-peixes-morrem-na-uhe-de-estreito/>2011. Acesso em 20 de Junho de 2022.

Marinho. Leilane, 35 toneladas de peixes morrem na UHE-Estreito. <https://vivoverde.com.br/35-toneladas-de-peixes-morrem-na-uhe-estreito/>. 2022. Acesso em 20 de Junho de 2022.

Bacias Hidrográficas do Brasil. <http://www.klimanaturali.org/2008/04/bacia-hidrografica-do-rio-tocantins.html>. Acesso: 13 jul. 2022.

APÊNDICE A – Fotos da pesquisa realizada com pescadoras e pescadores entrevistados(as) e estrutura física da Colônia Z-7.

Quadro 4 – Fotos da Pesquisa/Colônia Z-7.



Fonte: Fotografias tiradas por Wagna Lindemberg C Lucas (2022)

*Figura 13 – Lider Ex.Presidente da Colônia de Pescadores
João Haroldo Gomes de Almeida (in memory)*



Fonte: Acervo Público

Figura 14 – Apresentação para a equipe da Colônia Z-7 Sede da Entidade.



Fonte: Fotografia - Wagna Lindemberg C Lucas (2022)

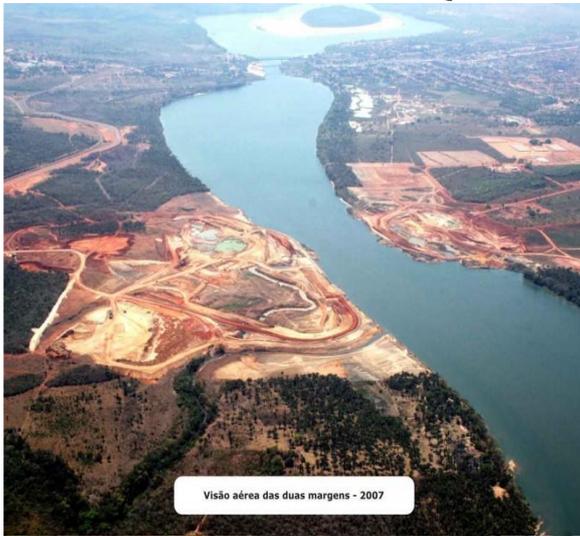
Figura 15 – entrevista com o Presidente da Colônia Z-7 – Marcondes Sousa Santos



Fonte: Fotografia - Wagna Lindemberg C Lucas (2022)

ANEXO A – FOTOS DA PESQUISA – UHE- Estreito

Quadro 5 - UHE- Estreito



Fonte: UHE

ANEXO B – DOCUMENTOS DOS PESCADORES



GRPS Guia de Recolhimento da Previdência Social

12.080.727/0001-05
 Colônia de Pescadores Z - 35
 Rua Tocantins, 607 Centro
 CEP 65975
 ESTREITO - MA

VICENTE FERREIRA DA SILVA
 RUA TOCANTINS Nº 607
 65975-000 ESTREITO MA

Salário Contribuição
 - Empregados R\$
 - Empregados/Autônomos R\$

Cód. CAT: **VALOR COMERCIALIZADO 3% R\$ 80,00**

Discriminação	Código	Valor
16 - Seguradora	1031	2,40
17 - Seguradora	1040	
18 - Retenções		
19 -		
20 -		
21 - Dedução FPAS	1058	
22 - Total Líquido	1066	2,40
23 - Abatimento Alvarata	1074	
24 - Juros/Multa	1082	0,23
25 - Total	1090	2,63
26 - Automação médica		2,63R AR06

26 VIA

PERCENTUAIS DE CONTRIBUIÇÕES ARRECADADAS PELO INSS, INCLUSIVE PARA TERCEIROS DE ACORDO COM OS CÓDIGOS FPAS

FPAS	EMPRESA		TERCEIROS										TOTAL
	FPAS	SAT	S. EDUC 0001	INCRRA 0002	SENAI 0004	SESI 0008	SENAC 0016	SEBRAE 0032	SEBRAE 0064	DPC 0128	FAER 0256	SENAI 0312	
507	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2	1,0	1,5	1,5	0,6				8,8
515	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2			1,0	0,6				5,8
525	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
531	VAR	20,0	VAR	2,5	2,7								5,2
540	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
538	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
546	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
534	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
560	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
580	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
604	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,5
647	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								4,5
659	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,5
695	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2	1,0	1,5						5,8
682	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
671	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2			1,0					5,8
688	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
689	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2	1,0	1,5						5,8
701	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2			1,0	1,5	0,6			5,8
702	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
708	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
714	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
728	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
734	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
750	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
778	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
787	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7
795	VAR	20,0	VAR	2,5	0,2								2,7

(*) Contribuição não devida pelo Segurado Especial

BASE DE CÁLCULO:

EMPREGADO - os valores pagos ou creditados, a qualquer título, durante o mês, aos empregados e trabalhadores avulsos, de acordo com a taxa salarial, até o limite máximo do salário-de-contribuição.

EMPRESA - os valores pagos ou creditados, a qualquer título, durante o mês, sem limite máximo, empregados, trabalhadores avulsos, médicos residentes, autônomos e obrigados e empresários para os códigos FPAS 507 a 590, 655 a 710, 736, 760, 787 e 795.

ACIDENTE DO TRABALHO - os valores pagos ou creditados, a qualquer título, durante o mês, sem limite máximo, aos empregados, trabalhadores avulsos e médicos residentes.

TERCEIROS - os valores pagos ou creditados, a qualquer título, durante o mês, sem limite, aos empregados e trabalhadores avulsos, exceto para os códigos 582, 639, 655, 725 e 779.

PRODUTOS RURAIS - no código FPAS 744 os percentuais Empresa, SAT e Terceiros são aplicados sobre a Receita Bruta da Comercialização.

CLUBE DE FUTEBOL - no código 779 o percentual da empresa é aplicado sobre a receita bruta referente ao espetáculo.

ANEXO C – DOCUMENTOS DA COLÔNIA

COLÔNIA DOS PESCADORES Z - 07 DE TOCANTINÓPOLIS - TO.
 CNPJ: 02.468.879/0001-26, fundada em 23 de novembro de 1997.
 Rua do Matadouro, Setor Beira Rio, Tocantinópolis - TO – Celular: (63) 99944-5524, E-mail:
 coloniadospescaz7@hotmail.com, Tocantinópolis – Estado do Tocantins.

ESTATUTO SOCIAL DA COLÔNIA DOS PESCADORES DE TOCANTINÓPOLIS Z - 07.

4ª Alteração Estatutária

CAPÍTULO I

CONSTITUIÇÃO, DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Artigo 1º. A Colônia de Pescadores Z – 07 de Tocantinópolis - TO, portadora do CNPJ nº 02.468.879/0001-26, fundada em 23 de novembro de 1997, passou a ser denominada "Colônia dos Pescadores Z - 07 de Tocantinópolis - TO", é uma entidade representativa de classe, equiparada pelo parágrafo único do artigo 8º da Constituição Federal de 1988, combinado com o artigo 1º da Lei n.º 11.699/08 de 13-06-2008, é uma Organização Sindical de Primeiro Grau, sem fins econômicos lucrativos, com prazo de duração indeterminado, com sua Sede localizada na Rua do Matadouro, Setor Beira Rio, cidade e comarca de Tocantinópolis - TO, CEP 77.900-000, no Estado do Tocantins, é integrante do Sistema Federativo e Confederativo FETOPESCA e CBPA.

§1º– A Colônia dos Pescadores Z - 07 de Tocantinópolis - TO, é organizada nos termos da legislação vigente aplicável à espécie e tem seus objetivos voltados para o estudo, a defesa e a coordenação das categorias de trabalhadores que fazem a pesca e/ou aquicultura, no município de Tocantinópolis - TO, sua profissão ou principal meio de vida, conforme estabelece a legislação em vigor sobre a matéria especificamente a Lei n.º11.699/2008 e o Título V, Capítulo I da CLT.

§2º - A Colônia dos Pescadores Z - 07 de Tocantinópolis - TO, tem também como objetivo, colaborar com os poderes públicos e de demais entidades, bem como; buscar a solidariedade entre os trabalhadores e a sociedade.

Artigo 2º. A Colônia dos Pescadores Z - 07 de Tocantinópolis - TO, tendo como base territorial o Município de Tocantinópolis - TO, bem como os seus distritos e as suas comunidades.

Artigo 3º. São Prerrogativas da Colônia:

I – Representar perante as autoridades administrativas e/ou judiciárias, os interesses Gerais ou Individuais da Categoria, relativos à profissão ou atividade exercida, bem como: representar seus associados junto aos órgãos competentes e às autoridades em geral, em juízo ou fora dele, tudo em conformidade com o artigo 8º da Constituição Federal e com as disposições constantes na Lei n.º11.699/2008 e o Título V, Capítulo I da CLT;

Marcos Vinícius de S. Santos

Registro de Pessoas Jurídicas
 Tocantinópolis - TO
 Oficial: Maria de Nazaré R. Queiroz Santos



COLÔNIA DOS PESCADORES Z - 07 DE TOCANTINÓPOLIS - TO.
 CNPJ: 02.468.879/0001-26, fundada em 23 de novembro de 1997.
 Rua do Matadouro, Setor Beira Rio, Tocantinópolis - TO – Celular: (63) 99944-5524, E-mail:
 coloniadospescacz7@hotmail.com, Tocantinópolis – Estado do Tocantins.

- II – Informar, reclamar ou denunciar às autoridades públicas ou privadas competentes, quaisquer assuntos que sejam a respeito ao Meio-Ambiente ou a demais aspectos relativos à Pesca Artesanal;
- III – Eleger e designar os representantes da categoria;
- IV – Estabelecer contribuições associativas a serem pagas por todos aqueles que participarem da categoria representada, nos termos do Estatuto e/ou das deliberações das Assembleias da categoria;
- V – Fundar e manter Capatazias, quando necessário, após a aprovação pela Assembleia Geral;
- VI – Em parceria com poder público e/ou com a iniciativa privada, promover atividades de educação profissional visando à formação, qualificação e requalificação do Pescador Artesanal, objetivando o constante desenvolvimento humano, assim como; atividade em Defesa e Proteção ao Meio-Ambiente e aos Recursos Naturais de modo em geral, Preservando Áreas Ecologicamente Importantes, conservando a Biodiversidade e estimulando a criação de Unidade de Conservação;
- VII – Colaborar nos planos gerais sobre as atividades pesqueiras, cumprindo as determinações e Resoluções dos Órgãos competentes;
- VIII – Representar os seus associados junto às instituições de Previdência Social, Educacionais e Financeiras, visando a auxiliar na assistência médico – medicamentosa, hospitalar, técnico-profissional e econômica, dentro das possibilidades da Colônia;
- IX – Defender a execução das Normas de Legislação sobre a Pesca, colaborando com as Autoridades na Fiscalização Ambiental, Saúde Sanitária e informar do uso de processos inadequados e contrários à Lei da Pesca e às determinações dos Órgãos Ambientais Competentes;
- X – Pleitear perante as autoridades competentes, quando presentes os pressuposto legais, as concessões relativas a Terrenos de domínio da Marinha, da União, do Estado e Município;
- XI – Receber Subvenções de Órgãos Públicos para a manutenção e execução de seus programas;
- XII – Envidar esforços, no sentido de promover atividades sócias e de assessoramentos em geral, bem como; para o desenvolvimento de projetos habitacionais em conjunto com a Federação Estadual e/ou Confederação Nacional

Marcos Pereira de S. Santos

Registro de Pessoas Jurídicas
 Tocantinópolis - TO